MEMORIA HISTORICA

SOBRE A FUNDAÇÃO

DA

SÉ DE EVORA

E SUAS ANTIGUIDADES

COM OS

Esboços chronologico-biographicos dos Bispos e Arcebispos d'ella

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

Segunda edição correcta

EVORA
1903

MEMORIA HISTORICA

SOBRE A FUNDAÇÃO

DA

SÉ DE EVORA

E SUAS ANTIGUIDADES

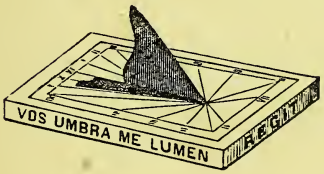
COM OS

Esboços chronologico-biographicos dos Bispos e Arcebispos d'ella

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

Segunda edição correcta



EVORA
MINERVA COMMERCIAL
1903

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/memoriahistorica00bara_1

AO

MESTRE ESCHOLA DA SÉ DE EVORA

O

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor

Joaquim José Freire de Faria e Silva

Ao homem sempre estudioso e erudito,
que me honra com sua affeição desde os bons tempos
de Coimbra, e que ora manda reimprimir em livro
dois trabalhos de minha mocidade, ao presente esgotados,
para que perdurem por beneficio da Imprensa

consagra e offerece

Antonio Francisco Barata.

Excellentissimo Senhor

Em 1874 compuz eu os *Esboços chronologico-biographicos dos Arcebispos da Egreja de Evora,* cujo catalogo não havia nem completo, nem rigoroso. Esse trabalho, retocado agora, conjunctamente com a *Memoria historica sobre a fundação da sé de Evora e suas antiguidades* vão sair a lume, sob o patrocinio de Vossa Excellencia.

Não dera eu o *Catalogo dos Bispos* completo, por ser tarefa difficil, se não impossivel de organisar. Agora, depois de largo estudo em Evora, e com os elementos que ella me offerece, o apresento documentado em quasi sua total generalidade. Talvez que mais prolongado estudo no cartorio do Cabido obviasse á falta de documentação sobre tal ou tal prelado. Deve, porém, como vae, estar mui perto do nivel da verdade historica. A falta de monumentos obsta a mais perfeito trabalho; porque, a não ser a fonte dos Concilios celebrados na Hespanha, eu não conheço outra a que me soccorra: estes, porém, não veem para cá

de 693, anno em que se celebrou o XVI de Toledo, seguindo-se o periodo da dominação arabe em 714, e com elle grande escuridão na historia d'esta egreja de Evora.

De dois elementos sociaes procedem os prelados eborenses: nobresa e povo, tendo sido da primeira o maior numero, e da segunda o menor. D'ora ávante, com a extincção dos morgados, só é crivel que pouquissimos promanem da primeira: já não ha filhos segundos a educar em conventos, a seguirem a carreira religiosa: alguns seguem a das armas e outros a burocratica, a industrial e diplomatica. A demonstração está nos ultimos prelados, desde D. Fr. Manoel do Cenaculo até ao actual, o senhor D. Augusto Eduardo Nunes.

I

Evora[1], a capital antiquissima das provincias áquem do Tejo, a dilecta de Sertorio e dos povos que anteriormente e depois d'elle aqui estanciaram, ainda hoje offerece ao exame do antiquario preciosos fragmentos de sua passada grandeza civil, e mesmo de sua pagã religiosidade.

O templo romano de *Diana* ou de outra divindade, os cippos, com memorias votivas e mortuarias lembranças; os fortes restos da muralha romana, e não poucos fragmentos de custosos edificios já do grande povo, já dos arabes, dentro da cidade e nos campos adjacentes indubitavel tornam a sua existencia antiquissima[2].

---

[1] Bochart, citado por Florez, na *Espanã Sagrada*, diz que Ibura em Syro e Hebreu quer dizer *annona e abundancia de fructos*, e que foram os Phenicios que introduziram a voz. — Tomo 14, pag. 104.

[2] Da antiguidade pagã d'esta cidade alguns documentos apparecem ainda hoje, existindo outros nas inscripções e nas moedas.

LABERIAE L . F .
GALLAE FLA
MINICIAE . MVNIC .
EBORENSIS FLA
MINICAE . PROVIN
CIAE . LVSITANIAE
L . LABERIVS . ARTEMAS
L . LABERIVS . CALLAECVS

Não succede, porém, o mesmo com respeito á sua egreja nos primeiros dias da christandade.

A piedosa lenda do martyrio de alguns sanctos, e da prégação da sã doutrina do Redemptor em terras tão occidentaes, logo na infancia do Christianismo, com a maior reserva deve ser considerada [1].

Prenda-se a cadeia prelaticia de Evora christã a S. Mancio, como quer a lenda religiosa, que nenhum mal advem por isso; mas saiba-se que os Martyrologios e as Actas do Sancto não determinam nem o tempo do martyrio nem, com exactidão, o logar [2].

Não é preciso, porém, para que a cidade de Evora se ostente uma das primeiras da christandade recorrer á lenda e tradição, ao milagre e ao martyrio de seus sanctos.

L . LABERIVS . ABASCANTVS
L . LABERIVS . PARIS
L . LABERIVS . LAVSVS . LIBERT .
Grut. 323 — 7.

Diversas moedas se conhecem fallando de Evora, por exemplo:

PERM . CAES . AVG . M . P .
LIBERALITAS IVLIA EBOR .
D. Ant. Agostinho — *Dial.*

RECAREDVS REX — ELBORA IVSTVS
Morales — *Hist.* 3.º — 103

EGICA REX — ELBORA PIVS .
S. de Faria — *Not. de Port.*, 169.

SISEBVTVS REX — CIVITAS ELBORA .
Idem, pag. 162.

LEOVIGILDVS REX — ELVORA JUSTVS .
D. Ant. Agostinho — *Dial.*

[1] «Ainda que seja tradição o ter vindo Sant'Iago á Hespanha, e que algumas egrejas de Portugal queiram deduzir a sua origem dos Apostolos, ou de seus immediatos Discipulos, comtudo, não ha para o asseverar fundamentos que mereçam fé.»
M. A. Coelho da Rocha — *Ensaio etc.*, pag. 13.

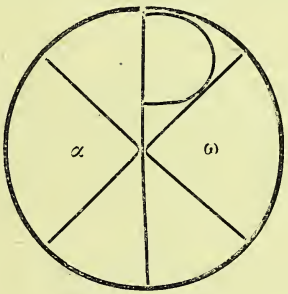
[2] V. Florez — *Espanã Sagrada*, tomo 14.

No anno em que se celebrou o Concilio de Eliberi, Elvira ou Granada, em 303 depois de Christo, já esta cidade, a par dos templos gentilicos, com sua architectura magestosa nos porticos, nas columnas, nas cimalhas e frontões alteava a sua egreja christã, encimada pelo emblema sagrado, que, se fôra, como foi, equuleo do Salvador do mundo, tem sido e será sempre o sacratissimo palladio da christandade.

No Concilio de Elvira appareceu o bispo de Evora QUINCIANO.

Ora, se no anno 303 já Evora christã se representava 'naquella reunião de prelados, natural é que não fosse o primeiro bispo de Evora aquelle *Quinciano,* mas um continuador da missão evangelica, por ventura começada em S. Manços [1].

No seculo immediato não conhece a historia prelado algum da egreja de Evora, guardando, comtudo, na inscripção seguinte memoria do culto que no Alemtejo se prestava á doutrina do Martyr do Golgotha:



DOMITIA
P . VIXIT
AN . NUM
M . IIII . DXIIII

[1] Florez, *España Sagrada,* t. 14., quando tracta da egreja de Evora.

Esta inscripção lapidar é o mais antigo monumento que, em terras transtaganas, nos certifica do culto e ritos christãos [1].

O notavel emblema, engenhoso na simplicidade, diz assim: *Jesus Christo, eterno, principio e fim de todas as cousas* [2].

No seculo VI dois prelados conhecemos da egreja de Evora: *Juliano* e *Zozimo*.

Do ultimo d'aquelles se lê a assignatura nas actas do III Concilo de Toledo, em 597, e do primeiro ainda hoje se guarda na capella do bispo D. Pedro IV, na claustra da sé, a campa veneranda.

Adquirida em tempo de André de Rezende pelo erudito antiquario, e depois por D. Frei Manuel do Cenaculo, por este prelado foi ella offerecida ao seu cabido em 1802, o qual a mandou embeber em uma parede da referida capella [3].

André de Rezende no capitulo X da sua *Historia de Evora* apresenta esta inscripção depois da que começa: *depositio etc.* e diz: «En minha casa tenho dous

---

[1] Diz Faria e Sousa na *Europa Portugueza*, tomo I.º, que era costume aquelle modo de começarem as inscripções christãs, ao modo por nós empregado nos seculos XVII e XVIII D. O. M. *Deo. Optimo. Maximo;* e apresenta uma inscripção que existia em 1600 juncto a Tarouca, a qual, reduzida ás naturaes proporções, dizia assim:

α ✠ ω

FLORENTIA . VIRGO . XPI . VIXIT .
ANN . XXI . ET . VITA . BREVI . EXPLEVIT
TEMPOR . MVLTA . OBDORMIVIT .
IN . PACE . IESV . QVEM . DILEXIT
KAL . APRIL . E . DCXXVI .

A inscripção de Domitia appareceu juncto de Villa-Viçosa.

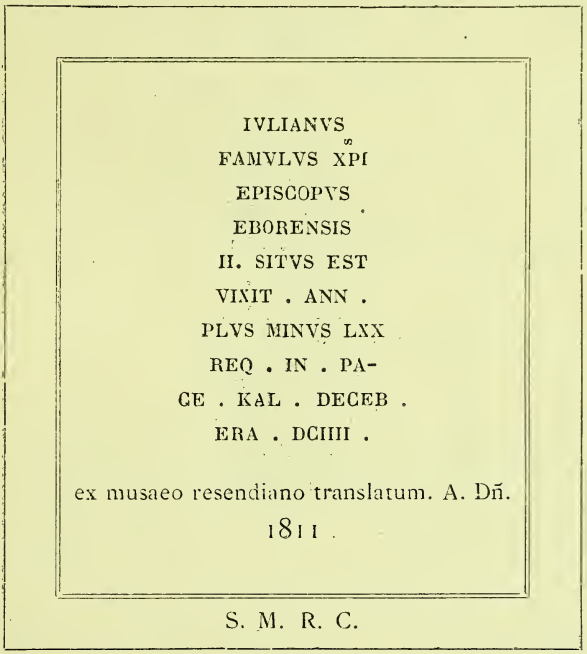
[2] Ego sum α et ω principium et finis...

Alpocal. I.º 8.

[3] V. *Breve memoria historica de algumas antiguidades e prelados da sé eborense,* por Bento Affonso Cabral Godinho, pag. 4. Coimbra, 1836.

letereiros de letras já barbaras, & mal feitas: mas q ie eu muito estimo por daren testimunho da nossa antiga christandade.»

Diz assim a campa do bispo:



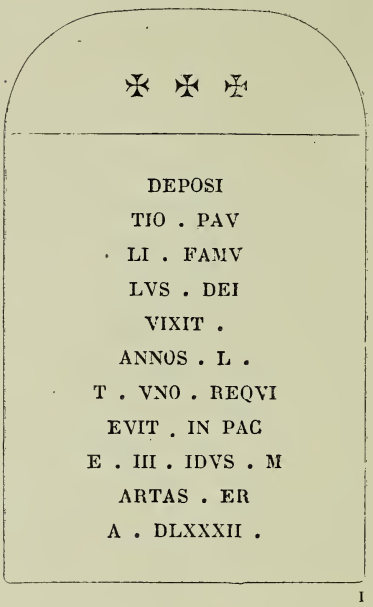
1

Mais duas inscripções se conservam ainda do mesmo seculo, attestando similhantemente a profissão de nossas crenças religiosas em terras do Alemtejo.

---

[1] Evidentemente a commemoração final: *ex musaeo etc.*, devia ser gravada em 1811, assim como as quatro letras finaes S. M. R. C. teriam sido mandadas gravar por André de Rezende na orla em que estão; e, alludindo aos reparos na pedra feitos, pois tem embutidos dois bocados de pedra de diversa qualidade, sobre os quaes se restauraram algumas letras, dirão, talvez, como lembra o sr. G. Pereira: *suo munere Resendius curavit.*

Tinha André de Rezende esta primeira lapida em sua casa:



[1]

D'este modo se lê a segunda, guardada similhantemente á primeira, na collecção epigraphica, no museu archeologico:

DVM SIMVL DLCE
M CVM VIRO CARPE
RE VITAM Ɛ
ILICO ME FORTVNA TV

[1] V. *Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo*, do dr. A. F. Simões.

NA TVLIT SEMPER NOX
SEA CVNTIS ꝛ
VITA DVMVIX VENANTIA
NOMEM IN SECVLO GESI ꝛ
TER DECIEN QATER INPA
CE QVIETOS PERTIV ANNOS
VLTIMVM IAM SOLVI DE
VITVM COMVNEM OMNI
BVS VNVM ꝛ HOC
LOCO ERGA MEOS ELECV
QVIESCERE PROLES ꝛ
...NDVM QVOS DOMINVS
...CAVIT PVRGATOS VN
...LABACRI ꝛ REQVI
...T IN PACE SVBTER DIEM XI
...FEBRVAR ER DCXXXI [1].

De todo o seculo VII se conservam memorias da egreja eborense: *Sisiclo* assiste ao IV Concilio de Toledo, em 633; ao oitavo assiste *Abiencio*, no anno de 646; *Zozimo* II, subscreve o X, em 656; *Pedro* acha-se no de Merida, em 665; *Tructemundo* não falta ao XII de Toledo, em 681, ao XIII, em 683 e ao XV, em 688; e, finalmente, *Arconcio* subscreve o XVI, em 693.

Sete annos depois rolava sobre a peninsula a onda assoladora da invasão de Tarik e de Musa, trans-

[1] V. *Noticias archeologicas de Portugal*, por E. Hubner, onde vem a leitura d'esta inscripção; hoje mutilada; porque, começando a demolição das paredes adventicias do templo romano, chamado de Diana, em 17 de junho de 1870, e estando então alli o *Museu Cenaculo*, a pedra em que se lê esta inscripção soffreu a pancada de uma outra, que de cima fôra mal despedida pelos demolidores, e partiu-lhe a parte superior. Mandaram-se guardar os fragmentos para se lhe juntarem com apropriado betume, como se fez e hoje se guarda no Museu archeologico. A inscripção de Venantia appareceu no monte da Asinheira perto de Reguengos.

posto o fragil dique nas margens do Chryssus, e nella submergida era a dynastia dos godos, que por tres seculos reinara nas Hispanhas, filha da conquista, agora d'ella vencida!

O alfange mahometano cortára despiedado todos os laços sociaes no frenesi do triumpho e na sêde da pilhagem, e interrompera a serie dos prelados da egreja de Evora por mais de tres seculos [1].

Se durante o dominio dos arabes a egreja eborense teve prelados legitimamente eleitos e confirmados não se póde saber ao certo, como não menos exacto é o terem os mouros consentido o culto christão, embora a custo de leves tributos, em toda a peninsula conquistada [2].

As grandes perturbações nascidas da invasão ara-

---

[1] «Arconcio... y este es el ultimo de los antigos eborenses, pues seguindo-se luego la entrada de los saracenos en España entró la turbacion, y fin, ó suspension de varias sedes.»

Florez — *España Sagrada,* tomo 14, pag. 122.

[2] «Os christãos conservaram por toda a parte o livre exercicio de sua religião.» Coelho da Rocha — *Ensaio etc.,* pag. 38.

«Aos christãos... se assegurou a conservação dos bens e a livre profissão do Christianismo, obrigando-se os novos senhores da Hispanha a respeitar-lhes os logares sagrados e o sanctuario domestico. O tributo que em compensação exigiram foi moderado e proporcional ás riquezas dos individuos.»

A. Herculano — *Hist. 3.º,* pag. 168.

«Por outra parte a tolerancia d'estes chegára ao ultimo auge. Limitadas no principio a um certo numero, as egrejas e mosteiros multiplicavam-se por toda a parte, e as antigas parochias ornavam-se e accrescentavam-se com os primores da arte oriental. Providos em cargos civis, admittidos ao serviço militar, para o qual preparava os mais nobres a educação recebida nos paços do kalifa de Cordova, nas exterioridades os hispano-godos só se destinguiam pela differença dos logares onde adoravam a Deus. A voz do Almuadden chamando os moslems á oração misturava-se com a do sino que annunciava aos nazarenos a hora das solemnidades do culto. Dirigindo-se á basilica o bispo perpassava pelo iman que se encaminhava para a mesquita: o presbytero cruzava com o mohhadi.»

A. Herculano — *Hist.* 3.º, pag. 175.

be acabaram com algumas egrejas e suspenderam outras [1].

A tolerancia religiosa dos mouros para com os christãos, quando não fosse nascida dos interesses tributarios, ou mesmo de algumas affeições de mouros a mulheres christãs [2], certamente o seria da prudente idêa de a empregar como arma politica das mais bem temperadas, se não para uma sonhada assimilação de crenças tão inimigas, ao menos para o consentimento mútuo do exercicio de seus cultos, com socegada e pacifica indifferença.

Se bem que não se possa explicar o facto de não haver memorias de bispos eborenses durante trezentos annos, admira um pouco tão absoluta carencia de memorias christãs da egreja de Evora durante a dominação mussulmana; e mais facil nos é o acreditar que no archivo da sé existam alguns documentos, ao menos d'aquelles ultimos tempos, do que admittir a christandade de Evora privada de pastores consoante os tivera sempre desde o anno de 303, quando menos [3]. Não existem: os que ha não vão para além do principio da monarchia.

---

[1] «Desde a morte de Fernando Magno a diocese do Porto, como quasi todas as dioceses do moderno Portugal, carecia de bispos.»
A. Herculano — *Hist* 1.º, pag. 237.

[2] «Abdu-l-azir, filho de Musa, era tolerante com os christãos, talvez porque amasse Egilona, viuva de D. Rodrigo, ultimo rei godo, com quem chegou a casar.» Idem, tomo 1.º, Introducção.

[3] Este archivo, que se julga numeroso, é desconhecido. Numeroso é, realmente; mas não está bem catalogado e nelle já ha faltas importantes. Conservam-se milhares de papeis confundidos em archibancos, que bom fôra se ordenassem a servir ao estudioso. Existe por cima da casa capitular, em uma sala mandada fazer em 1462, como se vê d'este apontamento por letra do seculo passado: «A livraria em cima da casa do cabido foi mandada fazer pelo sr. Rey D. Affonso V em tempo do Bispo D. Vasco 2.º em 1462 de J. C. como o m.mo Bp.º declara em hũa carta de compoz.am feita com os Erdeiros de Vasco

O punhado de godos refugiados nas serranias das Asturias começára á voz de Pelagio uma cruzada contra os mouros, e os seus descendentes por fórma foram impellindo contra o mar os conquistadores na lucta enormissima de seculos[1], que o filho do conde D. Henrique de Borgonha consegue entrar as portas da mourisca Evora, em 1166, auxiliado do famoso capitão de salteadores, Giraldo sem Pavor[2], e vem reatar em Evora a scindida cadeia prelaticia com á nomeação do bispo D. Paio, a qual sem interrupção se tem continuado até ao presente, já na serie dos bispos, já na dos arcebispos, dando de barato que D. Paio fosse o primeiro bispo nomeado por D. Affonso Henriques, e não D. Soeiro, que já vivia ao tempo dos arabes, e de cuja existencia se não pode duvidar, como se verá.

E' na primeira d'estas series de prelados que teremos de considerar a fundação da actual sé de Evora.

Miz de Mello, Alcayde Mor desta cid.e por causa da mudança da sepultura e ossada do m.mo V.co Miz de Mello para outro lug.r da capella das 11$ Virgens, hoje do Santo Christo por estar enterrado juncto a porta serventia p.a o cab.o e se mudou p.a a p.te do Evang.o e se conserva em hum Moimento na parede como prezentem.te está. Existe esta carta de compoz.am no L.o 4.o dos originaes, folhas 112.»

[1] «Os diversos governadores arabes das provincias, guerreando-se e dizendo-se independentes deram aso a que os christãos das Asturias regidos por Affonso I descessem das montanhas e dilatassem seus estados.» A. Herculano — *Hist.* 1.o

[2] «Era 1204 civitas Elbora capta & depraedacta & noctu ingressa á Giraldo cognominato sine pavore, & latronibus sociis ejus & tradidit eam Regi D. Alfonso, & post paululum ipse Rex cepit Mauram & Serpam & Alconchel, & Coluchi castrum mandavit reedificare anno regni 39.» *Chronic. Lus.* no tomo 14 da *España Sagrada*, pag. 428.

«In era 1204 dedit Dominus civitatem Elborae, Mauram, Serpam ad Regiam Aldefonsum.»

Livro da Noa de Sancta Cruz, cit. na *Chron. de Sancto Agostinho.*

O Foral dado a Evora por D. Affonso Henriques diz assim: «...volumus restaurare atque populare Elboram que á Sarracenis *abstulimus.*»

Port. Monumenta — Leges et consuetudines, fasciculo III, pag. 392.

II

A egreja cathedral de Evora é, sem contradicção nenhuma, um dos mais bem conservados monumentos do estylo ogival primitivo.

Destôa nella, é certo, a capella mór; mas, tão grandiosa é, tão rica de marmores e de trabalhos artisticos, que, no deslumbramento, quasi se perdôa a D. João v o crime de lesa arte e de bom gosto [1].

Nascida não foi com a guerreira dynastia de Affonso; mas, surgiu do solo á voz da religião e da independencia da patria, encimando-se da cruz sacrosancta, coroada de ameias, como se ainda cingira a corôa mural dos romanos, que, bem perto de si, sacrificaram nas aras do irracional paganismo e idolatria no templo romano, em parte subsistente.

---

[1] Vindo a Evora D. João V em 1716, o cabido, que já tinha desde 1703 dezesete mil cruzados, que o arcebispo D. Frei Luiz da Silva deixára em seu testamento para a nova capella mór, pediu ao rei protecção e ajuda para se fazer a nova capella. Annuiu D. João V, e encarregou ao architecto de Mafra, João Frederico Ludovici, de a delinear e mandar construir.

Ludovici veio a Evora em 1717 examinar o terreno e fazer seus estudos, e em 1718 chegou a Evora um aviso do ministro e secretario, Diogo de Mendonça Corte-Real, para se dar começo á obra. Principiou em 6 de setembro, superintendendo os conegos Sebastião de Mira Coelho e Antonio Rosado Bravo, e sendo olheiro para a dirigir Manuel Gomes. O padre Antonio Franco, da Companhia, foi encarregado em Estremoz do arranque da pedra. A branca veio de Estremoz;

Era que a terra da patria, que se constituia, livre não era ainda do yatagan mahometano: as meias luas do propheta tremulavam além, nas torres da antiga capital do Algarve, agitadas da brisa do oceano e do vento dos Herminios, imagens ambas da liberdade portugueza.

Preciso era que a cathedral do solo transtagano fosse para os christãos abrigo na paz e na guerra, cenobio e castello, templo e fortaleza.

Assim foi que as egrejas portuguezas, nascidas com a patria, foram embaladas, como ella, em berços de muralhas, ao som retintinulo de espadas e lanças entrechocando-se, e batendo rijo nas cimitarras e nos escudos da mourisma.

Depois, não: sacudidos do solo da patria no extremo occidente os crentes do Islam; libertado dos inimigos da cruz o pequeno Portugal, lançou olhos ao

---

a vermelha, amarella e preta, de Cintra e vizinhanças, e a verde veio de Roma. Foram mestres da obra em Evora Manuel Gomes e Manuel da Cruz, sob a direcção de João Frederico Ludovici. Levou bastantes annos a construir, pois que só em 1746 foi sagrada por D. Miguel de Tavora. Em cento e vinte contos de réis calculam a despesa feita com a capella. Na face posterior tem estas inscripções:

IOANNES . FEDERICUS . LUDOVISIUS . REGIUS . ARCHITECTUS
FUTURI OPERIS . SPECIMEN . ABSOLUTISSIMUM .
AD . QUARTAM . UNDE . QUAQUE . PARTEM . CONTRACTUM
EX LIGNO . ERIGI . CURAVIT . M. D. C. C. X. X. I.

Superiormente a esta inscripção se lê a seguinte:

DEI . MATRI . IN COELVM . ASSVMPTAE .
SANCTIOREM . HANC . BASILICAE . PARTEM .
VETERE . ANGVSTIORIS . FORMAE .
SOLO . AEQVATA .
REGNANTE . IONNE . V.
SEDENTE . ROMAE . INNOCENTIO . XIII .
SACRVM . EBORENSIVM . CANONICORVM . COLLEGIVM .

mar o povo de bravos, á salsa immensidade, além da qual inimigos havia ainda do nome christão.

Os templos modificaram d'alli por diante a sua estructura, despida a cota de muralhas. Já não havia mouros na terra da patria, finalmente, constituida em nacionalidade.

A guerra sancta, em nome da cruz e da civilisação, ia prestes rebentar nas ourelas do solo africano. Portugal era pequeno demais para conter os descendentes do bravo Affonso Henriques.

Percorremos fugitivamente na primeira parte d'esta memoria o viver da egreja de Evora, desde os mais obscuros tempos até que o estandarte das quinas tremulára hasteado nos muros da torreada cidade, abatido para sempre nella o pendão do crescente.

Menos escura a existencia da sé de Evora depois da conquista, é, comtudo, ensombrada ainda.

Começam a encontrar-se as opiniões ácerca do primeiro bispo depois da conquista, que alguns escriptores querem ter sido D. Soeiro, opinando outros que fôra D. Paio [1].

Pelo que se colhe da nota não se póde duvidar da existencia de D. Soeiro e teremos de o considerar eleito muito antes da conquista de Evora, portanto, em tempo de mouros, e marcar o termo de sua prelasia em 1180 ou 1181. Succedendo-lhe D. Paio, a este prelado se attribue a fundação da presente egreja cathedral [2].

---

[1] Em 1166 assigna D. Soeiro o Foral dado a Evora; em setembro de 1169 assigna em quarto logar no Foral de Linhares; e doze annos depois, em 1181, no Foral que D. Affonso Henriques deu a Melgaço já, em quarto logar, D. Paio se assigna d'este modo : *Pelagius electus elborae confirmat.* *Port. Monumenta,* nos Foraes citados.

[2] V. Fonseca, na *Evora Gloriosa.*

Não ha, porém, provas indubitaveis de tal affirmação, havendo-as para a considerarmos obra de D. Durando Paes, pelos annos de 1267 a 1283, em que governou esta agreja[1].

Das memorias que nos restam de D. Soeiro II, D. Fernando e D. Martinho, que precederam a D. Durando, nada se colhe com respeito á fundação da sé.

Com as memorias de D. Durando não succede o mesmo. São dois os testimunhos, abertos em pedra, que lhe attribuem obras na sé.

Os jesuitas Fialho e Fonseca, estribando-se em uma memoria do *Livro velho dos anniversarios*, querem que D. Paio fundasse a sé. Diz assim a passagem, falando do Bispo: «*que fôra o primeiro bispo de Evora, e que por elle se faça cada anno hum aniversario em dia de S. Manços, que he a* XXI *dia de Maio, no qual dia elle pos a primeira pedra por fundamento a esta see, no Esteo onde está o altar de S. Manços e jaz de traz do ditto Esteo e Altar, na Capella de S. Joham. Foi esta Igreja fundada na Era de 1224.*»[2]

Em vista dos monumentos, que brevemente se verão, e de começar a memoria por chamar primeiro bispo a D. Paio quando foi o segundo, quer o primeiro fosse de nomeação de Affonso Henriques quer não, suspeitamos da veracidade de tal memoria, maiormente havendo desapparecido da sé aquelle *Livro dos Anniversarios*, e não podendo, conseguintemente, por um exame nelle feito acceitar-se-lhe a au-

---

[1] D. Durando foi eleito por D. Affonso III. A este respeito diz A. Herculano: «Effectivamente Durando Paes, privado seu, e um d'aqueiles ministros que se chamavam *clerigos del Rei*, fôra promovido á sé eborense »

[2] V. *Descripção da egreja cathedral de Evora*, por D. João da Annunciada, pag. 7.

thenticidade [1]. Appareceu e hoje se conserva encadernado.

Mas passemos já a produzir os monumentos que existem em favor de D. Durando.

Seja o primeiro a inscripção que existia na capella mór antiga, e que em 1718 passou para a nova capella do Sanctissimo, onde se conserva embutida na parede da parte da epistola:

QUAM : LOCUPLETAVIT : PRAECIBUS : AEDIFICAVIT :
HANC : PRAESUL : SEDEM : DURANDUS : QUEM : TENET :
HUNC : SUBLIMATUM : SALVATOR : ET : INCIPIAVIT :
LUTUS : ABSQUE : MORA : PLACITI : SIC : POSTERIORA :
CERNENTES : LAPIDEM : DICANT : DEUS : HINC : MISERERE
NOSCENTES : VERE : QUID : VENIENT : AD : IDEM :
ANNIS : MILLENIS : TER : CENTUM : BISQUE : DENIS :
UNO : DECESSIT : APRILIS : LUCE : SECUNDA :

Versão:

«Aos 2 de Abril de 1321 chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu por meio de esmolas esta sé. Todos voluntariamente se vestiram de luto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapida, e os que d'ella tiverem conhecimento digam: ó Deus tende misericordia d'elle.» [2]

---

[1] D'este *Livro dos Anniversarios* existe uma copia feita por letra do arcebispo, D. José Antonio da Matta e Silva. Sendo má a calligraphia, não sabemos se assim será a copia.

[2] V. *Archivo Pittoresco,* vol. 11.º

Parece que a palavra *annis* da inscripção se deve considerar como se fôra *era;* porque, morrendo D. Durando em 2 de abril de 1283, como affirma D. Rodrigo da Cunha, na *Historia Ecclesiastica da egreja de Lisboa*, pag. 199, e fallecendo o seu successor, D. Domingos Annes Jardo em 16 de dezembro de 1293, em Lisboa, para onde fôra de Evora em 1289 confirmado bispo d'aquella cidade por Nicolau IV no segundo anno do seu pontificado, por Bullas de 7 de outubro, segue-se que a morte de D. Durando deve ser collocada anteriormente a 1289, anno em que D. Domingos Annes Jardo passou para Lisboa, por tanto, em 1283, que são da era de Cesar 1321, achando-se d'este modo na inscripção a palavra *annis* em logar de era.

Esta traducção, feita em Coimbra por um paleographo e antiquario distincto, o reverendo Manuel da Cruz Pereira Coutinho, a pedido do dr. Augusto Filippe Simões, não fala em *reedificação* da sé, no todo ou em parte, mas sim da *edificação* por meio de esmolas.

A circumstancia de se considerar ou arruinada ou deficiente a capella mór de uma sé, que não contaria muito mais de oitenta annos, ou nem tanto, a crermos que D. Durando só reedificára a dicta capella mór, leva-nos a não admittir similhante reedificação, e a acceitar a este bispo como fundador de toda a egreja.

Accode em nosso auxilio a segunda inscripção, gravada ao longo da campa que cobriu o moimento d'aquelle prelado, na demolida capella mór até 1718, e que está no Museu archeologico. Em uma só linha se lê em gothico redondo ou monachal com inclusas:

HIC ⁝ QUIESCIT ⁝ BONE ⁝ MEMORIAE ⁝ DOMINUS ⁝ DURANDUS ⁝ EPISCOPUS ⁝ ELBORENSIS ⁝ QUI ⁝ DEDIT ⁝ INICIUM ⁝ HUIC ⁝ OPRI ⁝ CUJUS ⁝ ANIMA ⁝ REQUIESCAT ⁝ IN ⁝ PACE ⁝ DEI ⁝ [1]

As palavras: *qui dedit inicium huic opri,* no seu latitudinal sentido, de todo o ponto nos determinam na opinião que seguimos, havendo perfeita harmonia entre uma e outra inscripção.

Isto posto, a actual sé de Evora é fundação do seculo XIII e do bispo D. Durando Paes [2].

---

[1] V. *Artes e Letras* de 1873, pag. 129, onde se publicou pela primeira vez.

Não se póde reproduzir na fórma em que está escripta por falta de typos. Desdobram-se as palavras.

[2] «O quinto anniversario ordenado para o dia 29 de novembro no livro respectivo, diz: *Item no dicto dia fazem anniversario por Martim Domingues que foi mestre da obra.*»

«No tempo do bispo D. Durando, diz o dr. A. F. Simões no *Alma*

Se bem que a claustra d'esta sé pareça obra do mesmo tempo, um seculo, aproximadamente, a separa da fundação do templo.

Foi o bispo D. Pedro IV, eleito de Cuenca, quem a fundou pelos annos de 1323 a 1340[1].

Alli instituiu elle duas capellas, que grandemente dotou, em uma das quaes dorme o derradeiro somno, com esta letra aberta em marmore no fundo do ediculo, em que, na campa, avulta a sua estatua:

E ⁝ M ⁝ CCC ⁝ LXX ⁝ VIII ⁝ ANOS ⁝ SABADO ⁝ PM.
EIRO ⁝ DIA ⁝ DE ⁝ IVLHO ⁝ PASOV ⁝ DOM ⁝ P° ⁝ BPO
DEVORA ⁝ ELLTO ⁝ Q ⁝ FOI ⁝ DE ⁝ CONCA ⁝ O ⁝ QVAL
FOI ⁝ BPO ⁝ XVIIe ⁝ ANOS ⁝ ƶ ⁝ X ⁝ MESES ⁝ ƶ ⁝ VIIIo ⁝ DI
AS ⁝ ƶ ⁝ FVNDOV ⁝ ESTA ⁝ CRASTA ⁝ ƶ ⁝ MANDO
V ⁝ FAZER ⁝ ESTA ⁝ CAPELA ⁝ ƶ ⁝ ESTE ⁝ MVIMTO
EN ⁝ Q ⁝ IAZ ⁝ ENTERRADO ⁝ AO ⁝ QUAL ⁝ BPO ⁝ DE
VS ⁝ PERDOE ⁝ ƶ ⁝ RECEBA ⁝ A ⁝ SVA ⁝ ALMA ⁝ CON O
S ⁝ SEVS ⁝ SANTOS ⁝ NA ⁝ GLIA ⁝ DO ⁝ PARAI
SO ⁝ AME ⁝ ESTA ⁝ ERA ⁝ MADOV ⁝ POER ⁝ MAR
TIN ⁝ ORTIZ ⁝ CRIADO ⁝ DO ⁝ BISP° ⁝ DM° ⁝ P°

Como o interposto periodo de 73 annos á fundação da sé e da crasta nos apresentam muita consonancia no estylo architectonico, consideramos do mes-

---

nach do Sul, pag, 145, que o architecto Domingos Domingues construia o claustro de Alcobaça. Seria parente do architecto da sé de Evora, cujo busto de pedra se conserva por cima de uma das naves?»

[1] «Sobre a obra do claustro da sé se vê no livro da pasta preta f. 53 hua escri.ª feita em 11 de agosto da era 1346 (anno 1308) ms. f. 120.»

Copia de uns mss. que temos por letra do seculo passado.

mo tempo umas estatuetas do Apostolado á entrada do portico profundo da sé, e as dos Evangelistas, que existem na claustra [1].

Antes de fazermos menção de algumas antiguidades mais da sé, diremos ainda que a capella chamada do *Esporão* não é, nem póde ser da primitiva, mas evidentemente do seculo XVI. É no estylo da renascença. A sacristia não parece tambem dos primeiros tempos, assim como a capella de S. Lourenço. Um exame exterior no edificio de prompto convence ao animo observador.

Julgamos haver dicto o bastante para se conhecer da antiguidade do edificio, em que teremos de considerar não poucas cousas interessantes.

Onde se fariam, porém, os officios religiosos antes da fundação da sé, dado que esta seja obra de D. Durando, como cremos?

Póde-se responder a esta pergunta, e passamos a fazel-o; mas de um modo pouco satisfactorio por falta de documentos.

Se na mesquita dos mouros, sagrada pelos christãos em 1166 se celebraram os officios relígiosos; se na egreja mozarabe, que se julga ter existido na rua da Mesquita; se em alguma egreja, embora pequena, construida depois da conquista e antes d'esta sé; pontos são incertos por nebulosos.

---

[1] «O claustro da sé de Evora foi edificado no seculo XIV pelo bispo D. Pedro. As estatuas dos Evangelistas, que estão no claustro, comparadas com as dos Apostolos da porta principal são muito similhantes. Os lavores de alguns capiteis de marmore tambem. Por todas estas razões concluiremos que a sé de Evora foi edificada no seculo XIII (depois de 1267) e não no seculo XII, como se julga.» — Dr. A. F. Simões — *Almanach do Sul*, pag. 145.

As estatuas dos Apostolos e as dos Evangelistas podem, realmente, ser do mesmo tempo, posteriores á fundação do templo. Uma detida observação isto insinúa e persuade.

Duvida nenhuma resta de que no logar em que está a Bibliotheca Publica existiu uma egreja. D'ella nos falam alguns escriptores, e alli se descobriram em uma parede, no anno de 1872, arcos ogivaes, e 'num d'elles um tumulo, que, por cima, na parede, tinha esta inscripção:

⁝ E ⁝ M ⁝ CC ⁝ L ⁝ XXX ⁝
⁝ IX ⁝ VIIII ⁝ KL ⁝
⁝ NOVENBRIS ⁝
OBIIT ⁝ FER
NAMD. VS ⁝
COLLVS ⁝ [1]

De cantaria são algumas paredes interiores, havendo 'numa, embutida uma pedra marmore com as armas reaes portuguezas, talvez do tempo de D. Fernando, e topando-se em volta quantidade grande de ossos humanos.

André de Rezende diz a este respeito o seguinte: «Entre tanto ha see se edificaua hos diuinos officios se celebrauam en hũ edificio que para ipso logo ij juncto se fez, que depois servio de camara da cijdade, & logar de relaçam. E non sei con quanta honestidade a cijdade ho deu ao secretario para usos profanos, stando dentro muitas sepulturas de muitos que partirõ de seus bẽs con ha egreja.» [2]

Se aquella construcção foi uma egreja, christã se-

[1] O tumulo sobre o qual se lia esta inscripção guarda-se hoje no Museu archeologico, bem como esta inscripção.

[2] V. *Historia das Antiguidades da mui nobre e sempre leal cidade de Evora*, capitulo XV.

ría e construida depois da conquista; mas, teria sido uma primeira sé, ou egreja fundada provisoriamente para o culto divino durante a feitura da presente cathedral?

Dizem as Memorias avulsas de Sancta Cruz de Coimbra, no *Portugaliae momnumenta,* que *El Rey dom Affonso anriquez tomou euora aos sarraziis* e *fez a see desse logo.* Sería uma primeira sé, de que ha vestigios palpaveis, como dito é?

Não o sabemos ao certo, propendendo para crer que fosse, de facto, uma primeira sé, fundada logo em 1166, se não anteriormente, pelos christãos de Evora. A inscripção alli posta sobre o tumulo de Fernando Collo, como se lê no *Livro dos Anniversarios* a seu respeito, da era de 1289 (anno 1251), mais de setenta annos anterior á do bispo D. Durando, para isso nos inclina.

Dicto o bastante sobre a fundação da sé, passemos a tratar de algumas de suas antiguidades, entrando para isso pela porta principal. Antes de a transpor, topamos ao lado direito esta breve inscripção, em um tumulo antigo, metido 'num ediculo:

É em characteres gothico-quadrados:

anniverssairo : por : me : piz : pestana : çaualeiro : $

Na parte esquerda, tambem 'num tumulo e no mesmo character de letra, se lê a seguinte:

anniverssairo : por : ferna : domigz : çonig :

Ainda d'este lado se lê uma commemoração da bençam, ou sagração da sé depois das obras no seculo passado, 'nestes termos concebida:

HAEC ECCLESIA CATHEDRA-
LIS METROPOLITANA EBORE-
SIS FUIT CONSECRATA AB EX-
CEL.mo ET R.mo DOMINO DONO-
FRATRE MICHAELE DE SOU-
ZA ORDINIS EREMITARUM S.
P. AUGUSTINI ARCHIEPIS-
COPO EBORENSI DIE VIGESI-
MA SECUNDA MAII ANNI
MILESIMI SEPTINCENTESI-
MI QUADRAGESIMI SEXTI. [1]

Defronte d'esta, lê-se agora, aberta em pedra com eguaes lavores, esta inscripção:

IN . PERP . REI . MEMORIAM
DIE . XXII . IVNII . A . D . MCM
D . D . AVGVSTVS . EDVARDVS . NVNES
ARHIEPIſCOPVS . METROPOLITANVS
EBORENSIS . SS . DNI . LEONIS P P . XIII
ISSVI . LIBENTER . OBTEMPERANS HANC
CIVITATEM . TOTAMQVE . EBORENSEM
ABCHIDIOECESIM . SACRATISSIMO
CORDI . IESV . SOLEMNI . RITV . DEVOVIT .

Subindo pela nave direita, no pavimento da capella da *Cêa do Senhor,* jaz o segundo arcebispo de Evora, com esta letra em campa rasa, para alli removida de outro logar:

---

[1] Não se conheciam estes tumulos, que recentemente appareceram, sendo por essa occasião removida a pedra commemorativa da sagração para logar mais elevado, visto que ella estava na parede em que existe um dos ediculos.

V. *Almanach do Sul,* pag. 122.

S. DE DOM
IOÃO DE ME
LLO ARCE-
BPO DEVORA
FALECEO
A 5 DAGOS
TO 1574. [1]

Na capella de Sancto André, em seguida áquella, existem duas memorias mortuarias. Diz uma d'ellas, mettida na parede:

ANIVERSA
RIO POLO AR
CEBP DOM
MARTINHO
DOLIUEIRA. [2]

No chão, em campa raza, jaz Manuel Severim de Faria. Sepultado primeiramente na Cartuxa d'esta cidade, para a sé e para alli foram trazidos seus ossos em 1839, ao mesmo tempo em que tambem eram removidos de S. Domingos, convento desfeito hoje, os de André de Rezende. Tem esta inscripção a campa:

---

[1] Esta campa foi, necessariamente, removida de outro logar para alli, pois que ao tempo da morte de D. João de Mello, em 1574, ainda não existiam estas capellas lateraes da Sé, mandadas fazer por D. José de Mello, que foi arcebispo de Evora desde 1611 até 1633.

[2] Foi natural de Evora e arcebispo de Braga. Instituiu o Morgado da Oliveira, hoje da casa Rio Maior, perto de Evora.

Damião Antonio — *Au'a Politica, etc.*, tomo 4.º

TRASLADADO EM 1839

1
ME. SEVERIM. DE FARIA
o
CHANTRE. E C DASSE. DE
VORA. ELEGEO. PARA SI.
ESTA. S. ASSI POR SVA DÉVA
ÇÃO. COMO POR ESTAR
e
NELLA. O CORPO. DO. P. D.
BAZILIO. DE FARIA. SEV. TI
O E ANTECESSOR. Q. FALE
CEO SENDO PRIOR DESTE
CONVENTO A. 5. DABRIL DE
1625. [1]

Defronte d'esta capella de S. Lourenço existe encravada na columna da nave uma pedra, representando um brazão de armas dos Oliveiras, contendo em volta estes dizeres, em characteres monachaes:

AQUI ⋮ IAZ ⋮ GIRAL ⋮ MARTIZ ⋮ TOSCAO ⋮
E ⋮ MORREO ⋮ E ⋮ M ⋮ III ⋮ LX ⋮ V ⋮ III ⋮ ANOS ⋮
DIA ⋮ DE ⋮ SAN ⋮ MEMEDE ⋮

No cruzeiro e para a banda da *Porta do Sol,* quando se desce para a claustra, vêem-se dois tumulos antigos com estas letras:

---

[1] V. *Historia abreviada da trasladação dos ossos do Mestre André de Rezende, e do Chantre Manuel Severim de Faria.*
Ms. do cartorio da Camara de Evora, liv. 33 dos Originaes, fl. 205.

aniuerssairo por ssancha glz

aniuerssairo
por me soares frz

Á direita de quem entra a *Porta do Sol* existe o tumulo do celebre antiquario eborense André de Rezende. Foram para alli trasladadas suas cinzas quando as necessidades de um novo seculo demoliram o convento em que professára. Sepultado em campa raza á entrada da casa do capitulo, a que hoje na sé de Evora lhe cobre os ossos a mesma é que lh'os cobrira em S. Domingos, apenas com outro epitaphio, desfeito o primeiro, ou por gastado dos annos e do perpassar dos frades, ou de proposito para se lhe gravar o que actualmente tem, composto por J. H. da C. Rivara, que diz assim:

L. ANDREAE RESENDII
MEMORIAE DICATVM.
EX AEDE DOMINICANA FVNDITVS EVERSA
TANTI VIRI CINERES
IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM
CVRA ET SVMPTIBVS EBORENSIVM,
QVIBVS DECVS PATRIAE CARVM,
HVC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX. [1]

Defronte da porta da casa capitular, na capella do *Senhor Morto* ou do *Refugio dos peccadores,* existe um sarcophago mettido na parede, com esta letra:

[1] Ibidem.

aniuersairo : por v.co miz de melo. [1]

Encravada na columna do arco da capella do Sanctissimo, que fica á esquerda do visitante, vê-se uma grande inscripção commemorativa da batalha do Salado; muito deteriorada, porém, pelos estragos do tempo, se não dos homens, que diz:

---

[1] No *Livro dos Anniversarios* topa-se uma commemoração por esta fórma:

«No dito dia fazem aniv.º por Vasco Martins de Mello e por Maria Affonso sua molher.» E' no dia 29 de novembro.

E ¦ M ¦ CCC ¦ LXX ¦ VIII ¦ ANNOS ¦ ABENAMARI ¦ SENHOR ¦ DA ¦ ALE ¦ DO ¦ MAR ¦ 9FIADO ¦ DE ¦ SI ¦ ꝛ ¦
DO ¦ SEV ¦ GRADE ¦ AVER ¦ ꝛ ¦ PODER ¦ PASSOV ¦ A ¦ AQVE ¦ DO ¦ MAR ¦ 9NA ¦ FORRª ¦ FILHA ¦ D ¦ R
EY ¦ DE ¦ TVNIS ¦ PA ¦ PSEG ¦ ꝛ ¦ DESTIR ¦ CS ¦ XPTAAOS ¦ CERCOV ¦ TARIFA ¦ ꝛ ¦ O ¦ SEV ¦ PODER ¦ E ¦ TATO ¦ Q ¦ Ñ ¦ PODER ¦
OSM ¦ COTATO ¦ PODER ¦ ꝛ ¦ POYS ¦ REY ¦ DO ¦ Aº ¦ DE ¦ CASTELA ¦ VIV ¦ Q ¦ Ñ ¦ PODE ¦ SEER ¦ CERTº ¦ CVVE ¦ RECEO ¦ ꝛ ¦ P ¦ SI ¦ VEO ¦ A ¦ PORT ¦
DEMADAR ¦ AIVDA ¦ AO ¦ Qto ¦ AFº ¦ REY ¦ DE ¦ PORT ¦ SEV ¦ SOGº ¦ ꝛ ¦ AEL ¦ PVGE ¦ MVIT ¦ DELHA ¦ FAZER ¦ CO ¦ SEV ¦ CORPO ¦ ꝛ ¦ CO ¦
SEV ¦ PODER ¦ LOGO ¦ SE ¦ TDAÇA ¦ 9PEÇOV ¦ O ¦ CAMINEO ¦ PA ¦ A ¦ FRO TEIRA ¦ ꝛ ¦ MADOV ¦ Q ¦ CS ¦ SE9 ¦ SE ¦ FCSSE ¦ EN ¦ PO
SEL ¦ DEVORA ¦ LEVOV ¦ C ¦ CAVALRS ¦ ꝛ ¦ Ml ¦ PEOS ¦ GOÇALO ¦ STEVEES ¦ CARVOEIRO ¦ FCI ¦ P2 ¦ ALFEREZ ¦ LIDAR ¦ 9 ¦
OS ¦ MOVROS ¦ ꝛ ¦ ELREI ¦ DE ¦ PORTVGAL ¦ ENTEDEV ¦ EN ¦ REI ¦ DE GRAADA ¦ ꝛ ¦ REI ¦ DE ¦ CASTELA ¦ EN ¦ RE
I ¦ ABENAMARIN ¦ ꝛ ¦ MERCEE ¦ FCI ¦ DE ¦ DEVS ¦ Q ¦ NVCA ¦ MOVRO ¦ TORNOV ¦ ROSTº ¦ ꝛ ¦ MORRERO ¦ DELCS ¦ TAN
TOS ¦ A ¦ Q ¦ Ñ ¦ PODERO ¦ DAR ¦ 9TA ¦ REI ABENAMARI ¦ ꝛ ¦ REI ¦ D ¦ GRAADA ¦ FVGIRCM ¦ NO ¦ ARAIAL ¦ DE ¦ REI ¦ A
BENAMARIM ¦ ACHAROM ¦ GRANDE ¦ AVER ¦ EN ¦ OVRO ¦ ꝛ ¦ EN ¦ PRATA ¦ ꝛ ¦ OVVEO ¦ REI ¦ DE ¦ CASTELA ¦ MAT
AROM ¦ I ¦ A ¦ FORA ¦ ꝛ ¦ MVITAS ¦ RICAS ¦ MOVRAS ¦ ꝛ ¦ OVTRAS ¦ MOVRAS ¦ MVITAS ¦ ꝛ MENIN9 ¦ EFIID9 ¦
CATIVARO ¦ HVV ¦ FILHO ¦ DE ¦ ABENAMARI ¦ ꝛ ¦ HVV ¦ SEV ¦ SOBRINHO ¦ ꝛ ¦ HVA ¦ SVA ¦ NETA ¦ DEVS ¦
SEIA ¦ PERA ¦ TODO ¦ SEPRE ¦ BEETO ¦ POR ¦ TATA ¦ MERCEE ¦ QUATA ¦ FEZ ¦ ACS ¦ XPAAOS ¦ AMEM. ———————

Era de 1378 annos (1340) Abenamarim senhor da alem do mar confiando de si e do seu grande haver e poder, passou a aquem do mar com a Forra filha de rei de Tunis para perseguir e destruir os christãos. Cercou Tarifa e o seu poder era tanto que não poderam os moradores com tanto poder. E pois rei D. Affonso de Castella viu que não pode ser certo houve receio e per si veio a Portugal demandar ajuda ao IV Affonso, rei de Portugal, seu sogro, e a elle aprouve muito de lha fazer com seu corpo e com seu poder. Logo sem tardança começou o caminho para a fronteira e mandou que os seus se fossem empos elle. De Evora levou cem cavalleiros e mil peões. Gonçalo Esteves Carvoeiro foi por alferes. Lidaram com os mouros elrei de Portugal entendeu em rei de Granada e rei de Castella em rei Abenamarim. E mercê foi de Deus que nunca mouro tornou rosto e morreram d'elles tantos a que não poderam dar conta. Rei Abenamarim e rei de Granada fugiram. No arraial de rei Abenamarim acharam grande haver em prata e ouro, e houve-o rei de Castella Mataram alli a Forra, e muitas ricas mouras, e outras mouras muitas e meninos infindos: captivaram um filho de Abenamarim, e um seu sobrinho e uma sua neta. Deus seja pera todo sempre bento por tanta mercê quanta fez aos christãos. Amen.

Esta interessante memoria parece não ter sido alli posta primitivamente, mas talvez na antiga capella de S. Vicente e de suas irmãs Sancta Sabina e Christeta, donde sería mudada para a sé, quando a capella se reconstruiu no tempo do cardeal D. Henrique [1], e onde parece que D. Affonso IV fundou uma confraria de Nossa Senhora da Victoria, como diz Fonseca na *Evora Gloriosa*. Lá está, de facto, um altar ornado de bandeiras e outros tropheus, tomados aos mouros, e no alto d'elle um quadro a oleo, allusivo ao combate.

---

[1] Esta inscripção commemorativa da batalha do Salado é, certamente, muito interessante para os eborenses e uma das mais curiosas que existem na sé. Em perfeita harmonia com a historia são os seus dizeres. A mais antiga referencia que se faz a esta inscripção é, sem duvida, esta:

«Cõsta per letereiro em pedra marmore que está na Cee d'Evora quando entrão por a porta pryncipal da Cece da mão direita ó derradeiro esteo do cruzeiro da porta de Sãta cruz: diz a letra o caso todo, e que da nobre cidade d'Evora forão a esta batalha sem cavalleiros e mil piães; e que Gõçalo Estevez Carveiro ia por Alferes e que a batalha fora destes Reis Mouros era de mil trezentos setenta e oito.»

Cf. Tomo V dos Ineditos de Hist. Portugueza, pag. 107.

Na *Evora Gloriosa* vem mal lida, e já naquelle tempo se não conheciam algumas letras no comêço.

Abenamarim era Aly Abul Hasan ben Otman ben Jacub ben Abdelhac de Beni Merin. — V. Conde, *Hist. de la dominacion de los arabes en España*, tomo 3.º

A *forra filha do rei de tunis* sería Hatima, mulher de Albohacen.

Chron. de D. Affonso XI, pag. 449.

O cêrco de Tarifa é mencionado assim por Conde, tomo 3.º, pag. 133: «...y principiaron a combatirla con maquinas é ingenios de truenos que lanzaban balas de hierro grandes con *nafta*, causando gran destruicion en sus bien torreados muros.»

O rei mouro de Granada era Juzef Abul Hegiag. — Conde, tomo 3.º

Dos despojos achados no campo mourisco fallam todos os historiadores, assim como da grande matança; por exemplo: «...muchos christianos se pasaron en los reales de los Mouros á matar et á cativar los Moros del Rey Albohacen, et las mugeres et los mozos pequeños, et á robar grandes averes de oro et de plata.» — *Chron. de D. Affonso XI*, pag. 449.

Do grande numero de mouros diz o mesmo chronista que foi preciso o espáço de cinco mezes e sessenta galés para passarem á Hespanha, e que depois da batalha apenas em quinze dias e em doze galés volveram a Tunis os que escaparam.

Na capella de S. Lourenço, defronte da sacristia, em duas compridas linhas da parte do Evangelho, lê-se em gothico monachal:

HIC ⁝ IACET ⁝ D'NNA ⁝ CÕSTANCIA ⁝ GENERE ⁝ ƶ ⁝
HVMILITATE ⁝ DECORA ⁝ IIVIC ⁝ ECLESIE ⁝ ƶ ⁝ PAVPBꝰ ⁝
GRACIOSA ⁝ OBIIT ⁝ E ⁝ M ⁝ CCC ⁝ XL ⁝ VIII ⁝ II ⁝ IDꝰ ⁝
IVNII ⁝ CVIꝰ ⁝ ANIMA ⁝ REQVIESCAT ⁝ IN ⁝ DEO ⁝ AMEN ⁝ [1]

Schoefer na *Historia*, pag. 205 e Mariz nos *Dialogos* affirmam que o nosso Affonso IV atacou o rei de Granada, como se lê na inscripção.

Quando a batalha começou, Affonso IV só tinha a seu lado mil cavallos, com os quaes deu tão rijo na mourisma, que os envolveu completamente: «Et por que de las gentes del Rey de Portugal non eran llegados mas que mill omes á caballo et el Rey de Granada tenia siete mill.» *Cron. de D. Affonso XI*, pag. 439.

«...en lo mas recio de la sangrienta batalla comezaron á remolinar-se ciertas cabilas alarabes atropelladas de la caballeria armada y cubierta de hierro que las acometió.» — Ibid., pag. 135.

O logar onde a filha de Affonso IV viera pedir-lhe auxilio, parece ter sido esta cidade de Evora, porque diz Ruy de Pina, na Chronica d'este rei, que D. Maria viera por Terena a Evora, onde D. Affonso e a mulher vieram receber a filha.

Falta observar alguma cousa com respeito ao dia da batalha do Salado, que naturalmente sería indicado nas letras que faltam na pedra.

Romey na *Historia*, tomo 8.º, pag. 165, diz: «Dès que ceux ci furent arrivés à la peña Ciervo, le dimanche 29 octobre 1340.» E continúa dizendo que no dia immediato se ferira a batalha.

Conde, no tomo 3.º da *Historia* citada, a pag. 135 e 136, diz d'este modo:

«Fué esta cruel batalla de Wadacelito dia lunes siete de luna Giumada primera del año setecientos curenta y uno.»

Ora, o dia 7 da lua de Jumadi de 741 da Hegira é o dia 30 de outubro de 1340. = *Spain and Portugal*, da Incyclopedia de Dionysius Lardner-London, 1832, vol. 2.º

O notavel trabalho dos Cartuxos de S. Bruno concorda tambem d'este modo:

«L'an 1340 Alfonse se trouve le 30 octobre, á la bataille de Salado.» *Art de vérifier les dates*, pag. 815 e 828.

Assim, faltarão, talvez, á inscripção as palavras: XXX ⁝ DE ⁝ OVTVBRO ⁝, ou então o dia da partida de Affonso IV de Evora, o qual não é facil de precisar; mas é mais provavel ser o dia da batalha. Já depois d'isto havermos escripto vimos uma copia, aliás bem feita no seculo passado, que conjectura dever ser preenchida a falta pela palavra: ANNOS ⁝. Pertenceu a copia ao talentoso J. S. L. Esquivel.

[1] No livro dos *Anniversarios*, copia do antigo, ha esta commemoração em 12 de junho: «Aos 12 de Junho fazem aniv.º por D. Constança, moiher de Simão dos Lagos, e faz-se por huma courela de Almoinha por baixo das fontes, e por hum ferragial que he a par do Pombal, e são 5 libras.»

Segue-se a esta capella a chamada do *Esporão*, por haver sido mandada fazer por João Mendes de Vasconcellos, senhor do morgado do Esporão, como se lê 'neste epitaphio, da parte do Evangelho o primeiro:

IOÃO MENDEZ DE VASCONÇELLOS S.^{or} DO MORGVADO DO ESPO : RÃO FILHO DALVARO MENDES DE VASCONCELLOS E DE DONA LIANOR RIBEIRA S.^{ra} PROPRIETARIA DESTE MORGVADO ·/. FOI DO CONS.^{o} DEL REI DOM M.^{el} E DEL REI DOM JOÃO O 3.º E SEV EMBAIX.^{dor} NA CORTE DOS REIS CATHOLICOS, E DEL REI DOM CARLOS SEV NETTO ·/. E DE CONSENTIM.^{to} DO DITTO REI DOM IOÃO; E DO CARL.^{l} IFFANTE DOM AFFONSO SEV IRMÃO, BP.^{o} DESTA CIDADE, E DO CABIDO DESTA SEE CONFIRMADO PELLO PAPPA CLEMENTE 7.mo MANDOV FAZERNO ANNO DO S.^{or} DE 1S3o ESTA CAPELLA PARA SEV IAZIGO E DE DONA BRIOLANIA DE MELLO SVA Z.^{a} MOLHER, E DE TODOS SEVS SVBCESSORES QVE LHERDASSEM O DITTO MORGADO D'ESPO: RÃO ·/. DOVTOVA, DE HVA MISSA QVOTIDIANA PARA SEMPRE IN CLVINDO NELLA AS QVE O MORGVADO IATINHA DOBBIGAÇÃO ESTÁ AQVI SEPVLTADO COMO A DITTA DONA BRIOLANIA DE ME LLO SVA MOLHER, FALLECERÃO AMBOS NO ANNO DE 1S41 : [1]

Á parte esquerda de quem entra na sacristia, em pedra marmore encravada quasi ao rez do chão na parede, lê-se esta inscripção, commemorativa dos altares que havia na egreja, unidos ás columnas da grande nave, semelhantes ao que ainda existe de Nossa Senhora do Anjo.

---

[1] Omittimos as demais inscripções d'esta capella por extensas e menos interessantes; são de Alvaro Mendes de Vasconcellos — 1579. João Mendes de Vasconcellos—1583. Manoel de Vasconcellos—1619.

ALTARIA ⁝ VGNIS ⁝ GLOSE ⁝ MTS ⁝ DNI ⁝
SANCTE ⁝ MIE ⁝ SCI ⁝ BARTLOMI ⁝ APLI ⁝ SA
NCTI ⁝ IHIS ⁝ BBTE ⁝ SCI ⁝ LAVRECII ⁝ MRIS ⁝
SCI ⁝ IVLIANI ⁝ MRIS ⁝ SCI ⁝ BONIFACII ⁝ MRIS ⁝
SCOR ⁝ VICECII ⁝ SAVINE ⁝ ƶ ⁝ XPTIS ⁝ MA
RTR ⁝ SCE ⁝ LVCIE ⁝ MRIS ⁝ S ⁝ AVCTORITA
TE ⁝ OJVM ⁝ DNI ⁝ CONSACRATA ⁝ PER ⁝ SE
RVITVVTE ⁝ MANVS ⁝ FERNÃDI ⁝ LICET ⁝ I ⁝
DINI ⁝ TVC ⁝ EPI ⁝ ELBORESIS ⁝ E ⁝ M ⁝
CCC ⁝ XL ⁝ VI ⁝ ———————————
ƶ ⁝ SANCTI ⁝ MANCII ⁝ [1]

Descendo pela nave esquerda, na *capella de Sancta Anna* existe, no pavimento, uma pedra com esta letra, de triste recordar:

SACERDOTES FU
ZILADOS PELOS
FRANCEZES EM
1808 L.º DOS OBI
TOS DE 1813. F. 51.
MIHI EGO
VINDICTA RETRIBUAM [2].

---

[1] O bispo D. Fernando, referido na inscripção, foi D. Fernando Pires, ou Martins, que governou o bispado até 1314.

[2] O secretario do Sancto Officio, José Joaquim da Silva, eleva a mais de 40 o numero dos sacerdotes mortos pelos francezes dentro e fóra da cidade. O numero dos seculares de ambos os sexos sobe a mais de 200.

Cf. *Evora Lastimosa.*

E antes de ali chegar, antes mesmo de passar pela porta de Pedro Vivas (a do norte) ha vestigios claros, na parede nua, de que dentro do panno de tijollo estejam alguns tumulos em ediculos, como os que se acharam aos lados da porta principal da sé, que o fallecido senhor conego Diogo de Faria mandou patentear aos amadores de antiguidades. Bom fôra pôr a descoberto taes ediculos, obra facilima e sem dispendio de importancia.

Taes são as inscripções que na sé de Evora chamam a attenção do antiquario visitante, faltando apenas duas, mortuarias, que se não vêem por cobertas uma com madeira, outra com um tapete. Está uma d'ellas no cruzeiro sobre a campa do arcebispo D. Frei Joaquim de Sancta Clara Brandão, e a outra na capella do Sanctissimo, cobrindo os ossos do arcebispo D. Simão da Gama. Já se lêem hoje. Vão adiante postas em seus logares.

Desçamos agora á crasta da sé. Na primeira capella, á esquerda, existem duas campas no pavimento, cada uma com sua inscripção gothica, assim concebidas:

aqui : jaz : dõ : fernãdo : de :
castro : capitã : qe : foi : dest
a : cidade :

---

aqui : jaz : dõ : diogo : de
castro : capitã : qe : foy : desta
cidade.

Na segunda capella existe o tumulo do fundador da claustra, com a inscripção já conhecida, e alli se vê a antiquissima campa do bispo de Evora *Juliano,* egualmente transcripta.

Existem no chão da claustra tres campas de antigos prelados d'esta egreja, uma só das quaes sabemos ser do fundador da sé, D. Durando Paes. Estão hoje no Museu archeologico.

E se no seculo XVIII se mandou embutir na capella do Santissimo a outra inscripção que lhe respeita, não é muito que na vasante já do chamado das luzes se faça o mesmo á campa com a estatua de D. Durando Paes. É a primeira no Museu archeologico.

Sahindo da sé pela *porta do sol,* vê-se, á esquerda, um ediculo, e 'nelle um tumulo com esta letra:

anniversario
o
por p. mestre [1]

e no fundo do mesmo ediculo uma pedra, em que se lê:

CREDO IN DEVM PATREM OMNIPOTENTE CREATORE CELI ETERRE ET IN IESVM XPM FILIVZ EIVS VNICVM DOMINVM NOSTRV QVI CONCEPTVS EST DE SPV SANCTO NATVS EST EX MARIA VIRGINE PASVS SVB PONTIO PILATO CRVCIFIXVS MORTVVS ET SEPVLTVS DESCENDIT AD INFERNOS TERTIA DIA REFVRREXIT A MORTVIS ASCENDIT AD CELOS SEDIT AD DEXTERAM DEI PATRIS

[1] A respeito de Pedro Mestre diz a copia do livro dos *Anniversarios:* «Item no dito dia (14 de Julho) fazem aniv.º por Pedro Mestre... e são para este aniv.º 25 libras.»

OMNIPOTENTIS INDE VENTVRVS EST IVDICARE VIVOS ET MO RTVOS CREDO IN SPIRITVM SANCTUM ET SANCTAM ECCLES IAM CATOLICAM SANCTVM COMVNIONEM REMISSIONE M PECATORVM CARNIS RESVRRECTIONEM VITAM ÈTERNAM AMÈ.

Concluindo esta memoria sobre a sé de Evora, mencionaremos os excellentes trabalhos em madeira no côro, que têm a data de 1562. Segundo o gosto da epocha, alli se vê o christianismo envolto com o paganismo nos baixos relevos e decorações d'aquelle todo architectonico. Ha 'nelles bom desenho e optima execução em toda a obra.

O visitante que fôr á sé de Evora não deve deixar de ver o côro d'ella, por certo dos melhores do reino.

Algumas alfaias e preciosidades tem tambem esta sé, de que se deve fazer menção.

A collecção de paramentos é vasta, variada e rica.

'Nella se mostra um pallio com pinturas de algum mimo, feitas por um frade do convento dos Jeronymos do Espinheiro, com tintas por elle preparadas de flôres do campo. Affirma-o a tradição.

O pontifical de tela de prata, o de tela encarnada, bordados a ouro, e o preto foram dadivas do arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima. Haviam sido mandados fazer em Roma por D. Maria I para os offerecer ao seu confessor, o arcebispo de Thessalonica, cujas armas têm. Não tinham sido usados quando Botelho de Lima os comprára.

O *Sancto Lenho* é dos objectos de maior valor da sé. Grande não é o trabalho artistico d'esta peça, mas consideravel o seu valor intrinseco, nos muitos brilhantes, alguns de grande preço, e nas demais pedras diversas, que tem [1].

[1] Cf. codice $\frac{\text{CVI}}{1-27}$ da Bibliotheca de Evora, onde, na vida do arcebispo D. Fr. Luiz da Silva, se lê uma noticia do *Sancto Lenho*.

Esta preciosidade tem uma breve historia:

Por morte do arcebispo, D. Fr. Domingos de Gusmão, da casa de Medina Sidonia, ficaram á Mitra algumas pedras preciosas, dadiva d'aquelle prelado. O seu successor, D. Fr. Luiz da Silva, comprou as demais, de modo que aquella joia foi por elle mandada fazer. Foram avaliadas 'naquelle tempo as pedras em 20:384$653 réis, valendo hoje, seguramente, o dobro d'esta quantia [1].

Tambem possue esta sé um antigo calice de ouro, offerecido em 1587 pelo dr. Paulo Affonso, como 'nelle se lê [2].

Tem um baculo de prata dourada, de bom trabalho artistico, e que se suppõe ter sido mandado fazer pelo cardeal D. Henrique [3].

A custodia de prata dourada já existia em 1541. Conjectura-se ter sido feita de 1480 a 1490 [4].

Resta-nos apenas convidar o visitante da sé a subir ao paço archiepiscopal, onde se guarda ainda o quadro que existiu na capella mór antiga até 1718, bem como alguns mais, em numero de onze, de menores dimensões, que lá estiveram tambem. Parecem não ser do mesmo pincel, sendo o da Virgem de gran-

---

[1] Ha na Bibliotheca de Evora um papel solto, por letra do chantre Antonio Joaquim da Silva e Sousa, onde se lê que o bispo D. Luiz Pires, por escriptura de 18 de abril de 1468, doára para o Sancto Lenho 42 pedras preciosas, e entre ellas duas saphiras, e que D. Frei Luiz da Silva comprára no leilão de D. Frei Domingos de Gusmão as restantes, que por escriptura de 20 de maio de 1693 as doára para o Sancto Lenho. Termina o apontamento relacionando d'este modo as pedras: «— diamantes rosa, 840; rubis, 402; esmeraldas, 180; saphiras, 2; jacintho oriental, 1; camapheo, 1; ao todo 1426.»

[2] *Archivo Pittoresco,* vol. 11, pag. 340.

[3] Idem, pag. 53.

[4] Idem, pag. 161.

de valor, e 'naquelle estylo e gosto o primeiro de Portugal [1].

Os onze quadros, acima referidos, são: o Nascimento da Virgem; a Virgem indo para o templo; o Consorcio; a Annunciação; o Sonho de S. Joaquim; o Nascimento de Christo; a Apresentação no templo; a Adoração dos Magos; a Circumcisão; a Fuga para o Egypto; e a Morte da Virgem. De doze era a collecção: o que falta está na Bibliotheca: é o menino entre os Doutores.

---

[1] «Le tableau de la Vierge entouré d'anges est admirable dans toutes ses parties. C'est, de tous les tableaux gothiques que j'ai vus en Portugal, celui auquel je trouve le plus de mérite. Il me rapelle celui de l'autel de Gand. Il est infiniment mieux que les douzes autres, et il pourrait difficilement être l'œuvre du même pinceau.» Raczinski — *Les arts en Portugal*, pag. 354.

O dr. Augusto Filippe Simões julga poder attribuir-se este excelente quadro a Memling.

ANTIGOS BISPOS DE EVORA

Antes de 1166

Nomes	Concilios em que figuram	Annos
Quinciano.....	Eliberi (Granada)	303
Juliano.....		566
Zozimo I.....	Toledo III	597
Sisiclo.....	» IV	633
Abiencio I.....	» VIII	646
Zozimo II.....	» X	656
Pedro	Merida	665
Tructemundo	Toledo XII, XIII e XV	681-688
Abiencio II	» XVI	693

BISPOS DE EVORA AUTHEN

Nomes	Annos
D. SOEIRO I	1166—1180
D. FERNANDO I	1179
D. PAIO	1181—1202
D. SOEIRO II	1202—1229
D. MARTINHO I	1230—1231
D. FERNANDO II	1235—1246
D. MARTINHO II	1247—1266
D. DURANDO PAES	1267—1283
D. DOMINGOS ANNES JARDO	1285—1289
D. PEDRO I	1293—1297
D. FERNANDO PIRES III	1297—1314
D. GERALDO DOMINGUES I	1315—1321
D. PEDRO II	1323—1340
D. MARTINHO III	1340
D. AFFONSO PIRES I	1342—1350
D. JOÃO I	1351
D. GERALDO II	1354—1355
D. JOÃO GOMES DE CHAVES II	1361—1368
D. DIOGO I	1370
D. MARTINHO GIL DE BRITO IV	1372—1375
D. PEDRO III	1375—1378
D. MARTINHO V	1378—1383
D. JOÃO III	1384—1398
D. DIOGO ALVARES DE BRITO II	1407—1424
D. PEDRO DE NORONHA IV	1425
D. VASCO I	1426—1427
D. JOÃO IV	1427—1430
D. LUIZ I	1430
D. ALVARO DE ABREU I	1433—1440
D. VASCO PERDIGÃO (OU DE S. COSME) II	1443—1463
D. JORGE DA COSTA	1464
D. LUIZ PIRES II	1464—1467
D. ALVARO II	1467—1471
D. GARCIA DE MENEZES	1472—1484
D. AFFONSO DE PORTUGAL II	1485—1522
D. AFFONSO (INFANTE) III	1522—1540

TICOS DEPOIS DE 1166

Morte	Documentos
25 Fevereiro	Portugaliæ monum; Foral d'Evora e Linhares. Ribeiro: Dissert.
	Idem; Foral d'Abrantes. Sería já coadiutor de D. Soeiro?
8 Setembro	Idem; Foraes de Melgaço e Covilhã; L.º I composições.
Janeiro	Idem; Mon. Lus.; Foral de Pontevel; L.º I comp.
	Idem; L.º I das comp.
	Mon. Lus.; Documentos da cidade d'Evora etc.
30 Outubro	Port. mon.; Nova Malta; Doc.; Herculano, Hist. t.º 3.º
2 Abril	Idem; » » Inscripção na Sé
16 Dezembro	Docum.; Dissert.; Cunha, Bispos de Lisboa etc.
	Pergaminho da Bibliotheca de Evora
	Evora Gloriosa
5 Março	Mon. Lus. (assassinado em Estremoz).
1.º Julho	Doc.; Epitaphio em seu tumulo na Sé.
	Dissert.; Evora Gloriosa.
8 Fevereiro	Evora Glor.; L.º I da Provedoria de Evora, 39 e 42.
	Pergam. de S. Francisco na Biblioth. de Evora.
	Docum. da cidade de Evora, etc.
	Biblioth. de Evora; Evora Gloriosa
	Pergam. de S. Domingos na Bibliotheca de Evora.
	Dissert. Chron.; L.º I orig. do Cabido, 74.
1.º Julho	Evora Gloriosa. Pergam. de S. Domingos. Biblioth. de Evora.
	Idem.
	Docum.; Pergam. de S. Bento, Bibliotheca de Evora.
25 Setembro	Dissert. chronol.; cod. da Bibliotheca de Evora, 109-2-6.
	Evora Gloriosa; Perg.º de S. Domingos, Bibliotheca de Evora.
	Pergaminho da Serra d'Ossa, Bibliotheca de Evora.
	Livro das comp. 103.
	Evora Gloriosa. Originaes do Cabido.
	Idem » » »
27 Fevereiro	Codice 109-2-6 da Bibliotheca de Evora.
19 Agosto 1508	Evora Gloriosa
	Idem; L.ºs 1.º e 4.º dos orig. fl.s, 16 e 37
8 Março	Idem; » 4.º » » » 25 e 62
3 Agosto	Idem; » 2.º » » » 65
24 Abril	Idem; » 4,º » » » Cancioneiro de Rezende, XIX.
21 Abril	Idem; » » » » » 92.

ARCEBISPOS

1.º D. HENRIQUE, CARDEAL E REI

De 1540 a 1564 e de 1575 a 1578

O Cardeal D. Henrique, primeiro Arcebispo de Evora, nasceu em Lisboa em 31 de Janeiro de 1512, sendo o setimo filho de el-Rei D. Manoel e de sua segunda mulher, D. Maria.

Assumindo o governo da diocese de Braga em 1534 foi eleito Arcebispo de Evora, de cuja Mitra tomou posse em 20 de Novembro de 1540, elevada esta diocese a Metropole, por D. João III.

Havendo de sair para Lisboa, onde a menoridade de el-Rei D. Sebastião o chamava para o governo do Reino, renunciou D. Henrique no Bispo de Faro, D. João de Mello, a Mitra Archiepiscopal, em 16 de Outubro de 1564.

Acclamado D. Sebastião Rei de Portugal, em 20 de Janeiro de 1568, o illustre Prelado Eborense entregára-lhe o Governo do Reino e voltára a Evora,

onde outra vez tomou posse do Arcebispado em 22 de Janeiro de 1575, a muitas instancias do Cabido, fallecido já D. João de Mello [1].

Sendo acclamado Rei de Portugal, por morte de el-Rei D. Sebastião, em 28 de Agosto de 1578, com o titulo de D. Henrique I, o Casto, deixou de novo o governo da diocese a D. Theotonio de Bragança, eleito Arcebispo de Evora.

Depois de dois annos de decrepito reinado, falleceu em Almeirim, em 31 de Janeiro de 1580, depois de haver preparado, porventura por sua má politica, a escravidão do reino por sessenta annos.

Levado para Lisboa, o seu cadaver, foi sepultado em Belem, onde se lhe gravou no tumulo este epitaphio:

HIC JACET HENRICUS GEMINO DIADEMATE CLARUS,
QUOD PATRIO SCEPTRO, PURPURA JUNCTA FUIT.
CONDITUR, & REGNUM PARITER CUM REGE SEPULTUM,
UT FORET IMPERII VITAQUE, MORS QUE SUI. [2]

Como Prelado zeloso da religião muitas obras deixou em Evora, que tem mostrado e attestarão a sua grande piedade:

O Tribunal do Santo Officio da Inquisição foi por elle creado.

Em 1551 fundou o vasto e sumptuoso Collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus;

Em 1557 o da Purificação;

Em 1558 o Convento de Santo Antonio, extramuros.

Em 1558 a nova Egreja de Santo Antão;

Em 1559 creou a Universidade;

No anno de 1562 fundou o Collegio dos Porcionistas;

Homem dado a letras, este Prelado escreveu um livro, hoje mui raro; *Meditações e humilias sobre algũs mysterios da vida de Nosso Redemptor e sobre algũs logares do Santo Euangelho, que fez o Serenissimo e Reverendissimo Cardeal Iffante Don Anrique por sua particular deuação.* Lisboa, por Antonio Ribeiro 1574, 4.°.

Foram seus coadjutores:

D. Frei Amador Arraes, Carmelita Calçado, Bispo de Adrumeto, natural de Beja, que morreu no primeiro de Agosto de 1600, sendo Bispo de Portalegre;

D. Nuno, Bispo de Salé, de quem pouco ou nada sé sabe;

D. Fr. Gaspar dos Reis, Dominico, Bispo de Tripoli, cujo se ignoram particularidades;

D. Fr. Jeronymo Pereira, Bispo de Salé, Dominico, natural de Lisboa, fallecido em 1578 e sepultado no demolido convento de S. Domingos de Evora, com este epitaphio:

HIC SITUS EST DOMINUS FR.
HYERONIMUS PEREIRA EPISCOPUS
CALAMACENSIS.

NOTAS

[1] Comprovando este seu segundo governo da Archidiocese temos este documento:

«O Cardeal Iff.te Arcebispo deuora etc aos que esta nossa prouisão uirem fazemos saber q̃ por nos parecer que conuem assy a seruiço de nosso S.or e bem da ygreja, e pouo da uilla de Coruche por se euitarem brigas, e scandalos que podem resultar de diogo lobo servir officio algũ que toque has rendas e pertença aos celeiros da ditta Igreja, e padres della mãdamos que sem embargo da constituição que diz que o prior ou cura e ãs o nosso vig.ro da uara da ditta uilla com o seu scriuão tomem os uotos pera a eleição dos officiais dos dittos celeiros

e recolhimento do pão, e pera o mais que pertt'cer ha ditta Igreja da man.ra que sempre se tomarão, e mandamos ao ditto Vig.ro sob pena de excomunhão ao ditto Vig.ro que não receba nẽ aceite uotto algũ em fauor do ditto diogo lobo pollas causas acima dittas, e por outros respectos, e esta queremos q̃ se cũpra e guarde int.ramente da man.ra que se nella contem dada Em evora sob nosso signal e sello a ij de Mayo Miguel Roiz a fez de lxxbij Domingos Simões a fez screver. O Cardeal Iff.te

«Dom Theotonio de bragança electo Arcebp.o de Euora &. Vista esta prouisão delrey meu S.or por ainda militarẽ as causas q̃ o movêo a pasala & mandar o q̃ nella se contẽm, mandamos ao nosso vigairo da vara da Villa de coruche q̃ em tudo cumpra o nella conteudo, emquãto o asi ouuermos por bẽ, & não mandarmos o contrario em lix.a sob nosso sinal &. henrique borges a fez aos 21 de abril 1579. El.to Arcebp̃o d'Euora.»

[2] Como o Cardeal Rei não antevisse a catastrophe de Alcacer Quibir, mandára construir ao lado do Evangelho do cruzeiro da egreja do Espirito Santo d'Evora um magnifico tumulo para si, no qual foi sepultado D. Duarte, filho do Infante D. Duarte e morto em 28 de Novembro de 1576. Eis as inscripções que 'nelle se lêem:

HENRICVS EMMANVELIS LVSIT . REG . INVICTISS . ET MARIAE PIISSIMAE REGINAE FILIVS, S . R . E . CARD . PER-
PETVVS APOSTOLICAE SEDIS A LATERE LEGATVS ET HVIVS REGNI GENERALIS INQVISITOR EX BRACARAE AVG.
ARCHIEPISCOPO NECESSARIAS OB CAVSAS PRIMVS EBORENSIS DEINDE OLYSIPPONEN.AC RVRSVM EBOREN . AR-
CHIEP . CAENOBIORVM ALCOBACIEN . AC SANCTAE CRVCIS CONIMBRICEN . COMMENDATARIVS, EXCELLENS OMNIS
MEMORIAE PRINCEPS SEPVLTVRAE LOCVM HVNC SIBI VIVENS ELEGERAT QVIA VBI NVMINIS FAVORE NON PA-
RVM ALIORVM CONSVLVERAT SALVATI, IBI ANIMAE SVAE PER CONTINVATA SACRIFICIA ET PRECES NON INGRATAE
POSTERITATIS PROPITIVM IDEM FORE NVMEN MERITO CREDEBAT AC SPERABAT .
POSTEA TAMEN DEI OPT . MAX . MVNERE REX IVSTA PATREM AC MATREM AC FRATRES SEPELIRI CVMPVLSVS EST .

AQVI.IAZ.O SNOR.DOM.DVARTE.FILHO.DO.IFF.te DOM.DVARTE.E.DA.IFF.te DONA.IZABEL.FA.l A.28 DE 9.bro DE.1576

2.° D. JOÃO DE MELLO

De 1564 a 1574

Em Villa Viçosa nasceu este Prelado, de D. Pedro de Castro e de D. Brites de Mello.

No paço do Bispo de Evora, D. Affonso de Portugal, recebeu elle esmerada educação.

Nomeado e confirmado Bispo de Silves, em 1549, passou d'ali para Arcebispo de Evora, em 1564, pela renuncia do Cardeal D. Henrique, e tomou posse em 19 de Janeiro de 1565.

Algumas obras fez este Prelado na Sé, sendo uma dellas o pulpito, que hoje existe embebido em uma columna da nave central.

Reedificou o paço archiepiscopal, mandando-lhe fazer um jardim em todo o andar superior, que ora não existe, transformado e habitado pelos Prelados.

Com especial commissão do Cardeal D. Henrique foi elle quem, em 1574, lançou a primeira pedra no Collegio da Companhia.

No mesmo anno de 1574 convocou synodo em Evora[1].

Por nomeação de el-Rei D. Sebastião foi este Prelado o primeiro Presidente da Meza do Desembargo do Paço.

Convocou synodos em 1 de Fevereiro de 1565, em Maio de 1569 e em Maio de 1574.

Do primeiro sairam as segundas *constituições do Arcebispado,* impressas em Evora por André de Burgos em 1565.

São delle as primeiras *Constituições do Bispado do Algarve,* impressas em Lisboa em 1554.

Foram seus Vigarios Geraes, o Bispo de Salé, D. Jeronymo Pereira, e Antonio de Gouvêa.

Deixou de sua penna um livro rarissimo hoje, que se inscreve: *Principios e fundamentos da christandade ou dialogos com um breve summario de lembranças do que cada hum deve guardar no estado da vida que tomou.* Reimpresso em Evora por André de Burgos em 1565. Deste livro possuia no Porto um incompleto exemplar o Conde de Azevedo. Na Bibliotheca Publica de Evora não existe.

Tambem é de sua penna um livro unico, existente na Livraria da Manisola, do sr. Visconde da Esperança, cujo titulo é, se não truco de falso: *Doutrina christã,* impresso em Lisboa, em caracteres gothicos.

Falleceu em 5 de Agosto de 1574 e jaz ainda hoje na capella da Ceia do Senhor, na Sé, com este epitaphio:

S. DE DOM
IOÃO DE ME
LLO ARCE-
BPO DEVORA
FALECEO
A 5 DAGOS
TO DE 1574.

NOTAS

[1] A carta Pastoral convidando o Bispo de Tânger e Ceuta é concebida 'nestes termos:

«Dom João de Mello por merce de Deus e da S.ta Igreja de Roma Arcebispo de Evora. Ao Mui Illustre e Reverendissimo Senhor Bispo de Tanger, e de Seita do Cons.o de S. Alteza, e sufraganio desta Metropole saude em Jesus Christo Nosso Senhor. Fazemos saber a Vossa Senhoria que por ser ordenado por Decreto do Sagrado Concilio Tridentino que os Arcebispos Metropolitanos de tres em tres annos em suas Prelasias celebrem Concilio Provincial para nelle se tratarem e ordenarem as cousas que parecerem necessarias para reformação de costumes e augmento do culto Divino e Castigo de culpas, e emẽda de agravos e concordia de differenças e controversias, e para bem das almas dos subditos e serviço de Nosso Senhor. Nós, dezejando cumprir com esta tão grande obrigação, e satisfazermos a tudo o que nesta parte o dito concilio ordena e manda, asentamos com a graça do Espirito Santo começar Synodo Provincial nesta Nossa Igreja Cathedral de Evora em o primeiro domingo do mez de Maio do anno que vem de 74: a elle pella prezente rogamos e pedimos muito a Vossa Senhoria e sob penna de obediencia e das mais censuras e pennas de Dereito Mandamos que se ache prezente no dito dia nesta cidade de Evora para que com seu parecer e prudente Conselho e dos outros Irmãos Comprovinciaes Nossos se dê determinacão nas couzas sobreditas; e vira instructo com os apontam.tos que lhe bem parecerem, e lhe cumprirem a serviço de Nosso Senhor e bem das Igrejas do seu Bispado, e de tôda esta Provincia, e proveito das almas dos subdittos: e exortamos a V.a S.a que nessa Igreja Cathedral, e nas outras dessa cidade e Bispado mande fazer a Nosso Senhor, em quanto este Synodo Provincial durar, preces para que nos alumie, e nos dê graça que nelle ordenemos o que for para mais seu S.to serviço, e bem das almas dos Nossos subditos: e Nós mesmo mandaremos tão bem fazer nesta Nossa Igreja Metropolitana e nas mais deste Nosso Arcebispado: e não vindo V.a S.a o que delle se não espera, nem por isso se Leixará de celebrar o ditto Concilio, e eu procederei contra V.a S.a conforme a Direito: para o que hei por requerido; e o Notario ou Escrivão que esta lhe notificar passará disso certidão. Dada em Evora sob Nosso Signal e Sello aos 18 dias de Novembro de 1573.»

3.º D. THEOTONIO DE BRAGANÇA

De 1578 a 1602

Na cidade de Coimbra nasceu D. Theotonio de Bragança, sendo filho do quarto Duque daquelle titulo.

Viajou no estrangeiro e estudou em Pariz e Bordeos. Na primeira destas cidades estudou Artes em 1557, Philosophia em 1558, tomando o gráo de Mestre em Artes em 1559. Na segunda, tomou o gráo de Licenceado e de Doutor em 1574. Antes de tomar estes gráos scientificos ordenára-se de subdiacono, Diacono e Presbytero em Toledo, no anno de 1560.

Foi Prior de Santa Christina de Cervos no Arcebispado de Braga que renunciou em 1574 com o Breve (de XIX kal. Augusti).

Por Bullas de IV nonas Julii de 1578 foi eleito Bispo de Fez e coadjutor e successor do Arcebispo de Evora, D. João de Mello.

Existem na Bibliotheca de Evora estes originaes diplomas.

Voltando ao Reino, opulento de instrucção e de virtudes, professou a Regra dos Filhos de Santo Ignacio e foi nomeado Thesoureiro da Collegiada de Barcellos, logar de importancia 'naquelle tempo, e coadjutor e futuro successor do Cardeal D. Henrique, com o titulo de Bispo de Fez, por Bullas de 28 de Junho de 1578, e definitivamente provido no logar, em 28 de Agosto do mesmo anno, com a saida do Cardeal para Rei.

Em 27 de Dezembro d'aquelle anno entrou em Evora, e 'nesse mesmo dia tomou posse da Mitra.

Foi D. Theotonio um magnanimo Prelado.

Nas pestes que assolaram Evora e o Reino em 1580, 1597 e 1599 gastou este grande Prelado avultadas sommas com os apestados, propinando até aos doentes por suas mãos os medicamentos.

Beneficiou a Sé dando-lhe entre outras cousas uma *alampada grande,* porventura roubada com muitas pratas da Cathedral pelos Francezes, em 1808.

Os jardins que, para recreio dos Prelados, D. João de Mello mandára construir sobre o Paço Archiepiscopal, converteu elle em vastas salas.

Deu começo ao Collegio de S. Manços; doou ás Convertidas o palacio dos Camões e acabou o Convento de Santo Antonio.

A obra, porém, que mais cuidados lhe mereceu e na qual gastou passante de 200:000 cruzados, foi a Cartuxa de Evora [1]. Eil-a ahi subsiste ainda, arruinada testemunha da grandeza d'aquelle Principe, patenteando sua vastissima e commoda fabrica. Doára-lhe uma riquissima livraria não a esquecendo em seu testamento.

O *Regimento do Auditorio Ecclesiastico do Arcebispado de Evora e de sua Relação* é obra sua. Foi impresso em Evora por Manoel Lyra, em 1598.

À sua custa foram impressas as *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreveram do Japão.*

Achando-se em Valhadolid ali expirou, em 29 de Julho de 1602. Trasladado a Evora, o seu cadaver foi sepultado na capella mór do Convento de Santo Antonio, extra-muros da cidade, com o epitaphio que se vae ler, e com a singular advertencia que por baixo delle havia!

Notavel é que Prelado de tanta humildade, como nol-o pintam as memorias, para si e para seus collegas quizesse tão singular exclusivismo além da morte. É mais um facto que nos mostra a imperfeição do ser humano.

AD. D. C. M.
GLORIAM.
COENOBIUM ISTUD D. ANT. PROVIN. PIETATIS AB HENRICO CARDENALI INFANTE, & ARCHIEPISCOPO EBORENSI, & POSTMODUM PORTUGALIAE REGE, MAGNA EX PARTE CONSTRUCTUM, THEOTONIUS JAMETIS IV, & JOANNAE A MENDOÇA DUCUM BRAGANTIAE FILIUS, CUJUS CORPUS HIC IN DOMINO QUIESCIT, UT DICTI REGIS EJUSDEM ARCHIEPISCOPATUS COADJUTOR, & FUTURUS SUCCESSOR, ITA SUAE PIAE VOLUNTATIS ZELATOR, PROPRIIS SUMPTIBUS PERFICIENDUM CURAVIT. CONSUMMATUMQUE VIDIT. OBIIT DIE XXIX JULII ANNO MDCII.

IN HAC MAIORI CAPELLA NEMO, EXCEPTIS ARCHIEPISCOPIS. EBORENSIBUS, HUMARI POTEST.

Foram seus coadjutores e governadores:

Bartholomeu Figueira, que nos apparece em Março de 1589 assignando uma Provisão para o Padre Pedralvares pagar a Antonio Arnáo mil oitocentos réis, sem, comtudo, dizer em que qualidade assigna; Diogo Nunes Figueira, eleito Bispo de S. Thomé, que recusou os Bispados do Japão e de Angra;

Fr. Christovam da Fonseca, Trinitario, Bispo de Nicomedia;

D. João de Bragança, seu sobrinho, nomeado Bispo de Vizeu em 1599, o qual jaz sepultado na claustra dos Loyos de Evora com este epitaphio:

AQUI IAZ DOM IOÃO DE
BRAG.ca FILHO DE DÕ
FRC.o DE MELO SEGD.o
MARQUES DE FERR.a INDIGNO
BISPO DE VIZEU FALE
CEO A QVATRO DE FEVE
R.o DO ANNO DE 1609.

O Licenciado Manoel Gomes, Vigario Geral em 1593.

D. Fr. Christovam de Jesus, foi seu Provisor em 1595.

Impressa corre a vida deste Prelado, escripta por seu capellão, Nicolau Agostinho, e na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tomo 5.° pag. 649 e seguintes se occupa delle Barbosa Machado com muita individuação.

NOTAS

[1]Tão curiosa nos parece a folha de uma semana de feria aos obreiros da Cartuxa, qne não podemos esquivar-nos á sua publicação. Eil-a :

Semana q.ª comenzou 2.ª f.ª a 14 desetembro e acabou sabado a 19 do dito ano 1598.

Officiaes pedreiros

P.º franc.co a 160 sinco dias....	800
An.to correia a 140 » »	700
Baltazar fez a 140 » »	700
P.º steues a 140 » »	700
Simão de pina a 140 » »	700
Joam castanho a 140 » »	700
An.to gomes a 140 » »	700
Gonsalo fran.co a 140 » »	700
Luis gomes a 140 dois dias.....	280

Carpinteiros

João simões a 140 sinco dias..	700
Baltasar mart.s a 140 » » ..	700

Seradores

gons.º forte a 140 quatro dias...	560
gons.º fez a 140 » » ...	560

Cauoq.ros dalu.a

Dg.s correa a 80 sinco dias.....	400
P.º dias a 80 » »	400
Fran.co m.el a 80 » »	400

Cauoq.os dapedracal

And.a fez a 140 sinco dias.....	700
Thomeo pir a 140 » »	700

Seruidores da pedracal

Marcos glz sinco dias a 80.....	400
Andrea nunes a 80 sinco dias....	400
Mathias glz a 80 » »	400

Seruidores de pedreiros

gons.º pires a 80 sinco dias...	400
Amaro franc.co a 80 » » ...	400
Af.º mart.s a 80 » » ...	400
And.a gaspar a 80 » » ...	400
An.to fez a 80 » » ...	400
Alvaro ferreira a 80 » » ...	400
Baltasar roiz » » ...	400
Dõs martines » » ...	400
Dõs marques 4 dias.....	320
Dõs gago 5 dias a 80.....	400
Dõs fez » »	400
Dõs dias » » a 80.....	400
fran.co glz outro tanto.....	400
jorjenas outro tanto.....	400
Luis Lopes » »	400
M.el pombal sinco dias a 80....	400
e a aluaro ferreira por elle...	140
Martino sinco dias a 80.....	400
Miguel dias $2\frac{1}{2}$ e gaspar de situbal (2 dias	360
P.º glz 4 dias a 80.....	320
P.º preira tres dias a 80.....	240

Achegas

H.º fe de desenfornar o $\frac{0}{16}$ forno de tijolo.....	480
Luis correia demfornar e coser o $\frac{0}{17}$ e ultimo forno de tijolo...	1:000
Duarte fez de corte de 10 car.das de piorno que truserãm as caretas de S. S. a 60.....	600

So'dada

Joam pires da ult.ª paga do seu mes	800
Diogo mart.º boeiro da pr.ª paga	500
Luis dias boeiro » »	500
An.to moço boeiro » »	500
An.to fez q̃ caretou ulu.ª 2 dias a 80	160
Balchor castellão almocreve da pr.ª paga do semestre	400
	15:160

Gaspar dias carreto de 22 car.dis de chamica a 150	3:300
An.to fez gago corte de 33 car.das de chamica a 64	2:112
as 11 trusera as caretas da obra.	
P.º manhos careto de 7 car.das de chamica a 150	1;050
Bento fez corte de 7 car.das de chamica a 64	448
	16:770

gonsalo gomes noue alqueres e meo de farelo a 60	570
joam lopes de cabos de marrois dous vinteis	40
Luis lopes, Martino, Dõs dias, Dõs fez de alimpar a cisterna seiscentos	600
Duas cargas de lenha para quebrar a pedracal	120
Sũma ao todo esta ferea	33:216

Fr. Siluestro Caluo.

Don Theotonio de bragança Arc.º d'Euora etc mando auos D.º pereira q̃ siruis de noso Th.º do di.º darca q̃ delle pagueis as p.as contheudas nas sesenta e hũa adiçoes da f.ª atrás trinta e quatro mil e tresentos rs q̃ hão de hauer do trabalho q̃ fizerão e achegas q̃ puzerão na obra da Cartuxa esta somana q̃ acabou aos 19 deste mez. E por esta e certidão do escriuão da dita arca de como os receberão mandouos sejão leuados em cõta em esta fiquando a rasão no l.º da dita arca e pelo noso cõtador, e lançados no l.º das ditas fereas e o acento asinado pello p.e apuntador Euora sob sinal do Sñor Bp̃ de nicomedia por nosa comisão aos 20 de sett.º 98.

O Bp̃o de Nicomedia.

4.° D. ALEXANDRE DE BRAGANÇA

De 1602 a 1608

Foi D. Alexandre de Bragança o terceiro filho do Duque d'aquelle titulo, João I, e de D. Catharina. Nasceu em Villa Viçosa em 17 de Setembro de 1570.

Em Coimbra estudou Theologia, em cuja Faculdade se doutorou, assim como na de Canones.

No mez seguinte áquelle em que morrera D. Theotonio, Filippe II o nomeou Arcebispo de Evora, em 13 de Agosto de 1602.

Entrou 'nesta cidade em 1603 e tomou posse em 21 de Março do referido anno.

Curto foi o seu governo; mas 'nelle se esforçou por imitar as virtudes de seus tios.

Na casa em que nascera S. João de Deus, em Monte-mor-novo, mandou elle fazer uma elegante egreja, que mais tarde foi Convento de sua Ordem.

Grave contenda houve em seu tempo entre elle e o cabido. Mandára D. Alexandre fazer uma tribuna

na Sé com entrada para o paço, a fim de assistir d'ali aos actos religiosos. Irada e suspicaz aquella corporação, por julgar que D. Alexandre antes queria espiar seus actos do que assistir aos officios divinos, fez grandes queixas a el-Rei, enviando mesmo a Lisboa um conego. Renhida foi a lucta, como se deprehende dos documentos ineditos adiante postos, e que alguma luz derramam nas trevas d'aquella desintelligencia[1]. A tribuna foi demolida em 1856.

Achando-se em Villa Viçosa ali falleceu, em 11 de Setembro de 1608. Foi sepultado na egreja de Santo Agostinho, junto de seus maiores, com este epitaphio:

O SENHOR . DOM . ALEXANDRE . ARCE-
BISPO . DE . EVORA . FILHO . DE . DOM IOÃO . VI .
DVQVE . DE . BRAGÃÇA . E DA . SENHORA .
DONA . CATARINA .

Não falam as memorias de obras, ou melhoramentos, por elle mandados fazer na Cathedral.

Dos documentos que temos apenas consta que, em seu tempo, fôra feito por Francisco Fernandes o relogio dos quartos da Sé[2].

Foi seu coadjutor D. Gaspar dos Reis, Bispo de Tripoli.

NOTAS

[1] Temos presentes algumas cartas de Gaspar de Barros Velho, escriptas de Lisboa ao Secretario do Senhor D. Alexandre, Francisco de Brito, e áquelle mesmo, e por ellas se vê que os conegos mandaram á capital a Sebastião da Costa, a fim de lhes advogar a causa.

Em 23 de abril de 1604 diz Gaspar de Barros velho «...não temos

nouas nem carta do q̃ la passa somente o que diz Sebastião da Costa, e nos dizem a nós q̃ he dizer q̃ estauam em concerto com o ʂ. Alexandre, do que me rio com dizer q̃ são friezas de Sebastião da Costa, e q̃ este caso não he de concerto se não de castigo, elle ia se anda escusando, por q̃ acha tudo tomado...» Termina «...os agentes e os mais ficão tão inteirados em tudo que sou cá escusado, mas farei o q̃ s. ex.ª me mandar, ainda q̃ vim tão afforrado por chegar a tempo q̃ aproueitasse q̃ estou ca com muitas incõmodidades.»

Em 23 de Abril do referido anno diz o mesmo n'uma segunda carta, que fallou a Damião de Aguiar e Pero Barbosa que são de opinião que nenhuma razão tem os conegos.

Por uma outra carta extensa, com data de 26 de Abril, se vê que D. Alexandre tomou todas as avenidas aos conegos. Termina: «o visorey aprouou muyto o mandar v. ex.ª a Valhadolid e dise hia a carta delrey muyto boa q̃ nos leu e elle está muyto bem neste negocio por nossa parte e deseia haueer castigo nelle.»

[2] «Diz francisco fiz morador nesta cidade, que elle fez o Rellogio dos quartos da Se, E continuou E hora continua temperando ao das Horas E a elle: E porque tinha dantes somente sinco mil rs de ordenado somente por anno; E pelo muyto trabalho que lhe recresceo com o nouo trabalho do Rellogio dos quartos auera tres mezes que V. Excellencja lhe fez merce de lhe acrecentar no ordenado mais tres mil reis, de maneyra que tem hoie oyto mil reis.

E porque elle supp. seruiu temperando ambos os Rellogios depois que fez o dos quartos antes de ser acrecentado por espaço de hum anno com muyto grande trabalho, no qual merecia muyto bem os ditos oyto mil rs, e não recebeo mais que sinco, e he homem muyto pobre, E tem molher e hum filho Ceguo, E por não correr seu officio temsuas necessidades. Pede a V. Excellencja aya por bem fazer-lhe m. mandar que se lhe paguem do dito anno que assim continuou com o nouo Rellogio dos quartos, os ditos tres mil reis que lhe foram acrecentados, E lhe nam foram paguos. E R. M. = (Despacho) Havendo resp.to ao que o sup.te diz lhe fazemos m.e de dois mil rs. Ev.ª a 22 de julho 604.»

Alex. A.

5.° D. DIOGO DE SOUSA, I

1610

No acceitando a Mitra Eborense o Bispo da Guarda, D. Nuno de Noronha, em 1608, foi nomeado o de Miranda, D. Diogo de Sousa, que já fôra Arcediago de Evora.

Nasceu em Braga este Prelado, e foi filho natural de D. Pedro de Sousa, Deão da Sé d'aquella cidade.

Tomou posse do Arcebispado em 27 de Maio de 1610, e falleceu em 30 de Dezembro do mesmo anno. Foi sepultado na Sé; mas, debalde se lhe procura ali a campa, certamente desfeita no seculo passado, quando D. João V mandára fazer a capella-mór e ladrilhar todo o pavimento da egreja.

A ponto veem aqui as palavras de A. Herculano: «quem hoje quizesse escrever as biographias dos nossos homens illustres talvez já não podesse dizer onde actualmente jazem os restos da maior parte d'elles. O braço omnipotente do vandalismo estendeu-se para

as sepulturas: as campas estalaram e os ossos de nossos avós lançaram-se aos cães e rolam pelo pó das estradas e pelas immundicies das ruas.»

Da breve administração d'este Prelado apenas consta que mandára habitar o convento de Valverde, d'onde os frades por vezes saiam, pelo doentio do sitio.

Foi seu coadjutor o Bispo de Nicomedia, D. Fr. Christovam da Fonseca, que já o fôra de D. Theotonio.

6.° D. JOSÉ DE MELLO

De 1611 a 1633

Do segundo Marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, foi filho bastardo este Prelado.

Nasceu em Evora e foi creado em Moura, sem conhecer seu pae.

Com o nome de José Pimenta estudou em Coimbra, em companhia de seu irmão, D. João de Bragança.

Diz Fonseca, na *Evora Gloriosa,* que elle estudára em Evora, onde se formou com uma capellania das 26 creadas pelo Cardeal D. Henrique para estudantes pobres, e que fora elle quem depois as extinguira. A boa critica, porém, repelle esta asserção.

Agente em Roma das coroas de Portugal e Castella, tão bem se houve no desempenho de sua missão, que, por se lhe recompensarem serviços, Filippe II o nomeou Bispo de Miranda.

Por morte de D. Diogo de Sousa foi elle o eleito para o logar vago, tomando posse por procuração sua

Diogo de Miranda Henriques, Deão da Sé de Evora, em 11 de Setembro de 1611. Entrou em Evora no dia 6 de Novembro.

Foi Prelado esmoler e amigo da justiça.

Os Sanctuarios da Sé foram por elle mandados fazer, assim como grandes obras no paço archiepiscopal. Sobre a porta principal, como em muitos azulejos, ainda hoje se vêem suas armas.

A egreja do Collegio de S. Manços mandou elle fazer, augmentando os dotes ás donzellas, assim como tambem é obra sua o palacio da Quinta de Valverde.

Padroeiro do convento dos Remedios em Evora, muito beneficiou aquella casa, devendo-se-lhe a agua perenne que alli corre ainda hoje.

A reimpressão das *Constituições do Arcebispado* foi por elle mandada fazer e distribuir pelo clero da archidiocese em 1622.

Foi este Prelado quem muito contribuiu para a canonisação da mulher de D. Diniz, Santa Isabel, a qual logrou ver concluida por Urbano VIII, sendo já Arcebispo, festejando-a sumptuosamente na sua Cathedral e no Arcebispado.

Tambem se lhe deve o alcançar elle de Roma o Breve que fundou o Collegio dos Militares em Coimbra e o Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação de Lisboa, das Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Filippe II foi por este Prelado recebido em Evora com bastante apparato em 14 de maio de 1619.

Foram seus coadjuctores:

D. Frei Gaspar Soares, da Ordem de S. Domingos, Bispo de Targa, morto em 1625.

D. Frei João Soares, Trino, Bispo de Madauro, natural de Villa Nova d'Anços, no Bispado de Coimbra, morto em 1621.

D. Frei Manoel dos Anjos, Bispo de Fez, natural de Alcacer do Sal, morto em 1634.

O Licenciado Francisco Martins Monteiro, foi seu Vigario Geral em 1619.

Falleceu em 2 de Fevereiro de 1633 e jaz sepultado em um magnifico tumulo da parte do Evangelho na capella-mór da Egreja dos Remedios, porque o Marquez de Ferreira o não deixou sepultar na dos Loyos, com esta letra:

S . DE . IOZÉ-
PH . DEMELLO . FILHO . DO .
MARQVÊS . DE FERREIRA
DOM FRANCISCO . PRIMEIR-
O DESTE . NOME, BISPO . QVE .
FOI . DE MIRANDA . ARCEBIS-
PO . DE . EVORA , FVNDADOR .
DO . PADROADO . DESTE . CO-
NVENTO . COM . SEIS . MISSAS .
QVOTIDIANAS . E TRES OF-
FICIOS . CADA . ANNO . POR . SVA
ALMA . DE SEUS PAYS . IRMÃOS .
PADROÊIROS . E SVCCESSORES .
E PARENTES . FALECEO . A 2
DE FEVEREIRO . DO ANNO DE 1633.

NOTAS

[1] Entre muitos documentos que deste Prelado possuimos, são justificativos de suas obras os seguintes:

Dom Joseph de Mello Arc.º de Euora etct. Mandamos a uos p.e Manoel marques nosso Thesour.º q̃ pagueis a Diogo g̃lz pedreiro quarenta e cinquo mil quinhentos noventa e sette réis q̃ lhe são deuidos de obras q̃ fez nas nossas casas de jornal em q̃ entrão as achegas dellas de madeyra cal area, telha e canudo e trinta bordos. E tudo o mais necessario para as ditas obras. E por esta e seu conhecimento nas costas desta de como de nós recebeo os ditos quarenta e cinquo mil quinhentos nouenta e sette rs. mandamos se nos levẽ em conta: no qual conhecimento se fara tambẽm declaração de como se ha por pago e satisfeito de quatrocentos e cinquenta mil rs. q̃ mais tem recebido das obras q̃ tem feito de empreitada. E q̃ assi dellas como das de

jornal fiqua pago e satisfeito te oje e nossa fazenda lhe não fiqua devendo mais cousa algũa. Euora em os 28 dias do mes de outubro francisco Vogado escriuão de nossa faz.da a fez de 16Xbiij annos.

Arc. d'Euora.

Dom Joseph de mello Arc.o de Euora E perpetuo administrador da obra da nossa see & Mandamos ao contador da nossa fazenda q̃ por esta e pello Rol e conhecimentos a tras escriptos na outra mea folha, leue em conta ao p.e Luiz píz na q̃ elle der das Rendas da dita obra sessenta e oito mil e oitenta rs. q̃ montão as despezas do dito Rol e conhecimentos q̃ fez na capella do Sant.mo Sacram.to E na sancrestia e capella do santo Lenho, da dita see, Euora em os 24 dias do mes de Feve.ro fran.co Vogado escrivão de nossa fazenda a fez de 16XXiij an.

O Arç.o d'Euora.

Rol dos gastos q̃ se fizerão na Capella do Santo Sacram.to pera se assentar o Retabolo

A fr.co Roiz̃ pedreiro q̃ andou trabalhando nesta obra 24 dias a 200 rs por dia	4800
De desouto dias E meio de hũ seruidor	1850
De bras dias de Sá cauouqueiro a 200 rs. cada dia	3200
A Vrbano lopez pedreiro q̃ andou na obra tres dias E meio a 400 rs	1400
De quatrocentos e sinq.ta tijolos	900
De os trazere	60
De aguçarẽ os picoẽns, camarteis E mais farramenta	410
De cal	120
Aos homens da praça q̃ trouxerão o retabolo	1000
	13:740

A quais cousas todas recebeo o q̃ lhe coube e vio pagar aos seruidores o ditto fr.co Roiz̃ Eu.ra e assinou aqui Eu.ra 10 de fev.ro de 624.

fr.co Roiz̃.

Recebeo Miguel Duarte Carpint.ro morador nesta cidade de Euora do p.e Luis Pires recebedor da fabrica sinquoenta mil rs. dinh.ro per fazer os caixões de bordo na sacrestia da sée e a ferragẽ q̃ leuarão, e os almarios no qual preço dos sinquoenta mil rs se concertarão e o recebeo do ditto p.e Luis Pires, e o da por quite, E liure a ditta obra dos dittos sinquoenta mil rs, E rroguei ao p.e Simão Pinto q̃ este fizesse e cõmigo assinase, sendo tambẽ testemunha fr.co Bogado Marreira escriuão da fazenda do Señ Arc.o Eu.ra 24 de feu.ro de 624

fr.co Vogado. *Miguel Duarte* *Simão Pinto*

7.º D. JOÃO COUTINHO

De 1636 a 1643

Foi D. João Coutinho o 3.º filho do primeiro conde de Villa Franca, Ruy Gonçalves da Camara, e de D. Joanna Blasuet, filha de D. Francisco Coutinho III Conde do Redondo. Estudou em Coimbra Theologia, em cuja faculdade se graduou e onde foi Reitor da Universidade por Provisão de 11 de Maio de 1611.

Antes de ser metropolita já D. João Coutinho havia cingido as mitras de Faro, em 1618, e de Lamego, em 1636.

Em 2 de Maio d'aquelle anno tomou elle posse do Arcebispado por seu Procurador, o Licenciado Francisco da Cunha Borges, seu Secretario, entrando em Evora com seus dois sobrinhos D. Antonio Luiz e D. Rodrigo de Menezes, o primeiro dos quaes foi mais tarde o primeiro Conde de Cantanhede e Marquez de Marialva. Quando em 1637 Evora tumultuou independencia e liberdade foi elle quem, saindo da egreja de Santo Antão, de cruz alçada, tentou reduzir o povo á ordem, quando não á obediencia ao governo de Filippe III.

Sem embargo d'aquellas mostras de adhesão a Castella, foi chamado a Madrid, com pretexto de ir ser Presidente do Conselho de Portugal, para onde saiu effectivamente em 29 de Setembro de 1638, e onde se conservou até ao anno de 1643.

O Bispo de Fez, D. Gabriel da Annunciação, foi quem, durante a ausencia d'elle, governou o Arcebispado.

Salteado de doença em Madrid, no referido anno de 1643, onde a politica do Conde Duque d'Olivares o retivera, deixaram-no voltar ao reino. Entrando em Elvas e hospedando-se no convento da Ordem de S. Francisco, ali falleceu em 10 de Setembro de 1643 e lá foi sepultado.

Não existe o epitaphio de sua campa, porque aquelle convento foi um dos que mais soffreu na queda do governo realista, não ficando 'nelle pedra sobre pedra; levaram d'ali tudo quanto podiam aproveitar para outros fins [1].

Em 1642 e 1643 foi seu governador D. Rodrigo de Mello.

Foram seus coadjuctores:

D. Gabriel da Annunciação, da Congregação de S. João Evangelista, Bispo de Fez, natural de Guimarães, morto em 1644, e sepultado na claustra dos Loyos de Evora, com este epitaphio:

S.ª DE DOM GABRIEL DA
ANNVNCIAÇÃO CO
NEGO DA CONGREG
AÇÃO DE S. I. EVANGEL
ISTA BISPO DE FEZ FA
LC.º A 18 DE MARÇO DE
1644.

D. Filippe da Rocha, da Ordem da Santissima Trindade, Bispo de Madauro, natural de Lisboa, e morto em 24 de Outubro de 1669[2].

NOTAS

[1] Sr. Filippe Nery de Sousa Penalva, em carta sua.

[2] Temos á vista dois documentos curiosos noticiando-nos a feitura de um baluarte juncto aos muros da cidade de Evora, por ordem e a expensas de D. João Coutinho, e com os clerigos da cidade! Caso se nao singular ao menos digno de ficar aqui registrado com a copia fiel de um dos documentos. Diz elle assim:

«Dom João Coutinho por merce de Deus e da sancta igreia de Roma Metropolitano Arçebispo de Euora &. mandamos a Rodrigo antunes Prioste das rendas de nossa mẽza pontefical que do dinheiro dellas dee aopadre Antonio Gondim secretario da meza do nosso governo vinte mil rs para os dispender com os officiais que trabalhão no baluarte que por nossa ordem se fas com os clerigos desta cidade junto aos muros della e com conhecimento nas costas desta pello ditto Antonio Gondim feito de como delle recebeo os dittos vinte mil rs mandamos ao contador eescriuão da fazenda da nossa meza pontefical lhos leuem em conta nas que der das dittas rendas Dada em Euora sob os sinais dos goverdores do nosso Arcebispado aos quatro dias do mez de majo. Antonio Gondim escrivão da fazenda a fes de mil seiscentos quarenta e um annos.

G. Bp.º de fes *Antonio Rõiz da Si'v.ra*

Franc.co Barreto de f.ra»

O outro é semelhante: manda dar mais vinte mil réis, e tem a data de 10 de Maio de 1641.

Como D. João Coutinho se achava em Madrid nenhum d'elles é assignado pelo patriota Arcebispo. Honra lhe seja, porém, que de lá mesmo concorria d'este modo para a defensão do reino e da liberdade portugueza, mandando trabalhar os clerigo de sua jurisdição na obra do baluarte. Não sabemos qual d'elles não repugnando que seja o que olha a nascente, defronte do seminario actual.

8.° D. DIOGO DE SOUSA, II

De 1671 a 1678

Filho legitimo de Fernão de Sousa, senhor de Gouvêa, e de D. Marianna de Castro, este Prelado nasceu em Villa Viçosa, e ali foi creado no paço dos Duques de Bragança.

Inquisidor e Esmoler-mór de D. João IV, foi mais tarde nomeado Bispo de Leiria.

Transferido para Evora por morte de D. João Coutinho, e depois de larga séde vacante, tomou posse do Arcebispado com procuração sua o Dr. João Velho, em 20 de Junho de 1671 [1].

Sagrado em 5 de Julho, entrou em Evora no mez de Novembro do mesmo anno.

As memorias que restam de sua vida mostram-nos este Prelado de muita caridade e pobreza; simples na mesa, nas vestes, em tudo homem evangelico.

Visitou muito o Arcebispado, distribuindo beneficios, sem olvidar a sua sé.

No anno de 1677 celebrou em Evora Concilio Provincial.

Sem que saibamos como se achára em Messejana pelos annos de 1664 a 1667, é certo que da Misericordia da villa foi elle Provedor 'naquelles annos.[2].

Falleceu aos 23 de Janeiro de 1678 e foi sepultado em campa rasa na sé, defronte da Capella do Santissimo, com este epitaphio, que ainda existe, quasi illegivel.

S.A DE D. DIOGO DE SOZ.A
ARCEBISPO DE EVORA
FILHO LEGITIMO DE FE
RNÃO DE SOVSA E DE D
ONA M.A DE CASTRO, SENH
OR DA V.A DE GOVVEA E D.O
CONSELHO DE SVA MAG.DE
G.OR E CAPITÃO G.AL Q.
FOI DO REINO DANGOL.A
FALECEO A 23
DE JANEIRO DE
1678.

Foi seu Vigario Geral o Dr. João Velho em 1671, e seu coadjuctor o Bispo de Targa, D. Frei Bernardino de Santo Antonio, natural de Serpa, fallecido no convento de S. Francisco de Evora e ali sepultado com este epitaphio:

SEPULTURA DO ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR D.
FR. BERNARDINO DE SANTO ANTONIO BISPO DE TARGA
DEPUTADO DO SANTO OFFICIO, LEITOR JUBILADO, CUSTODIO
QUE FOY DESTA PROVINCIA DOS ALGARVES, GUARDIÃO DESTE
CONVENTO DONDE FOY PROMOVIDO Á DIGNIDADE EPISCOPAL
FALECEO NO ANNO DE 1699.

NOTAS

[1] Eis a copia da original carta em que D. Diogo de Sousa II manda tomar posse: «Mando tomar posse desse Arcebispado per D.or João Velho, E lhe mando Prouizão p.a Gouernar em quanto nao chegar. E porque a publicaçao do Cadafalso que he p.a Domingo 21 do mesmo me náo pode sagrar, E ficou p.a Domingo 5 de julho em q̃ hei de fazer a sagração sem duuida algua sendo Deos seruido.

E p.a algũs gastos E esmolas que hei de fazer nesta cidade, E p.a o caminho porq̃ logo hei de partir p.a estar nessa cidade athe 15 de Julho, me he necessario algũ dr.o de tres athe quatro mil cruzados p.a por minha caza nessa cidade pesso a Vm E encomendo se faça toda a diligencia p.a me virem logo E de tudo espero resposta pella via do D.or João Velho por onde mando Esta: com gr.de Aluoroço estou p.a hir dar a Vm. hum grande abraco. E pesso me de muitas occasiões de o seruir E Deos g.de Vm. Lxa 16 de junho de 671

Diogo de Sousa

S.or Estevão Roiz caualeiro

Aquella somma pedida foi-lhe enviada logo como se vê deste recibo: «Receby dos.or Esteuao Caualeiro quatro mil cruzados, q̃ me entregou o Recoueiro da inquisiçao de Evora E p.a sua E minha lembrança lhe dei este por my feito E asinado Lx.a 28 de Agosto de 1671.

Arcebispo d'Evora

[2] Carta do snr. F. Soares Victor.

9.° D. FREI DOMINGOS DE GUSMÃO

De 1678 a 1689

Foi estrangeiro este Prelado: nasceu na Andaluzia, de Gaspar, Duque de Medina Sidonia, e de sua mulher.

Na regencia do Reino de D. Pedro II, seu sobrinho, passou a Portugal, onde foi eleito Bispo de Leiria em 1678.

Sem chegar a tomar posse foi nomeado Arcebispo de Evora, por morte de D. Diogo de Sousa, II.

Tomou posse da Mitra archiepiscopal em 17 de Agosto de 1678, e entrou em Evora em 24 de Novembro do mesmo anno.

Habitou sempre em Evora o palacio dos Condes de Basto, no Pateo de S. Miguel, tratando-se com a grandeza de um principe.

Prelado caridoso, não esquecia a pobreza no faustoso viver de sua casa.

Fallecendo em 19 de Dezembro de 1689 foi se-

pultado defronte da capella do Santissimo da sé, onde jazeu até 1700, sem epitaphio algum, até que seu successor, o magnanimo D. Frei Luiz da Silva, lhe mandou gravar na campa esta letra:

S.ª DO ILLUS.º E REM.º S.ºR ARC.º DE EVORA D. FR. D.ºS
DE GVSMÃO QUE FALECEO EM 19 DE DEZ.º DE 1689
E ERA F.º DO EXM.º S.ºR D. GASPAR DE GVSMÃO
DVQUE DE MEDINA SIDONIA IRMÃO DA SOBE
RANA S.ª R.ª DE PORTVGAL D. LVIZA DE GVSMÃO
MOLHER DO AVGVSTISSIMO REI D. JOÃO IV
E PORQ̃ NÃO FICASSEM PARA SEMPRE ESQUECIDOS
POR HAVER ONZE ANNOS Q̃ ESTAVÃO NESTE LOGAR
TÃO HUMILHADOS OSSOS DE PRELADO TÃO
ESCLARECIDO LHE MANDOU FAZER ESTA CAMPA
SOBRE LHE TER FEITO HVMA MISSA QVOTIDIANA
NA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DA V.ª DE ESTREMOS
SEO IMMEDIATO SVCCESSOR O ARC.º DE EVORA
D. FR. LVIZ DA SILVA RELIGIOSO DA SANTISSIMA
TRINDADE E SE POS ESTA CAMPA NESTA S.ª EM
29 DE NOV.º DE
1700
COM Q̃. SE PODE AQUI DIZER
ET EXULTABVNT OSSA HVMILITA.

Tambem foi seu coadjutor o Bispo de Targa, D. Frei Bernardino de Santo Antonio.

NOTAS

[1] O unico documento que possuimos assignado por D. Domingos de Gusmão é o seguinte: «Dom Fr. Domingos de Gusmão por m.ce de D.s e da S.da See App.ca Metropolitano Arcebispo de Euora, E do concelho do Principe Meu Sñor, &. Fazemos saber q̃ por confiarmos da

Suficiencia de Dionizio da Silua tangedor de Bachão, Charamella da Nossa S.ta See aonde tem seruido Desaseis annos com o hordenado de vinte sinco mil reis Hauemos por bem de lhe acrecentar Dez mil reis em cada anno p.a correr com hordenado de trinta e sinco mil reis. E cumprindo com sua obrigação na forma costumada Mandamos ao Nosso fabriq.ro q̃. oje he E ao diante for lhe acuda com o dito hordenado aos quarteis na forma costumada, E pera este ter effeito se Registará nos Liuros da fabrica pellos officiais da Nossa fazenda. &. Dada em Euora sob nosso sinal, E sello, aos Dezoito dias do mes de Jan.ro de mil seis centos, E oitenta, e hum annos. E eu o p.e Sebastião Penalua Escriuão q̃ ora siruo da fazenda q̃ o Escreui. F. Domingos Arcebispo. de Euora.»

10.º D. FREI LUIZ DA SILVA TELLES

De 1691 a 1703

D. Frei Luiz da Silva nasceu em Lisboa, em 27 de Outubro de 1626, filho illegitimo de Francisco da Silva, clerigo, Deputado da Inquisição de Lisboa e irmão de Fernando Telles da Silva, 1.º Conde de Villamaior.

Professou a ordem da Santissima Trindade em 29 de Junho de 1641 e foi Reitor do seu Collegio em Coimbra; capellão-mór, nomeado pelo Regente do Reino D. Pedro II, em 1671, com o titulo de Bispo de Ticiopoli; Bispo de Lamego em 29 de Maio de 1677, e da Guarda em 1684, até que foi eleito Arcebispo de Evora, em 5 de Janeiro de 1691, de cuja Mitra tomou posse em 7 de Novembro o seu coadjuctor D. Fr. Bernardino de Santo Antonio, Bispo de Targa.

Em 13 de Janeiro de 1792 recebeu o pallio e no dia 19 do mesmo mez fez a sua entrada em Evora.

Foi Prelado caridosissimo: beneficiou muito a sé,

paramentando-a ricamente, mandando 'nella fazer o retabulo de Nossa Senhora do Anjo, as portas, de madeira do Brasil, e doando-lhe a custosa cruz, ou Santo Lenho, cravejado de pedras preciosas, muitas das quaes comprou á sua custa para junctar ás que ficaram no espolio de D. Frei Domingos de Gusmão, e que 'naquelle tempo foram avaliadas em 20:384$653 réis, podendo hoje valer, sem duvida, mais do dobro d'aquella quantia.

Além das obras e melhoramentos na sé, outras egrejas beneficiou, como a parochial de S. Pedro, d'esta cidade d'Evora, onde ainda hoje se vêem suas armas entalhadas sobre a porta principal.

O Collegio dos Meninos do Côro foi tambem fundação sua, assim como a Casa dos Oratorianos de Estremoz [1].

Em 1699 recebeu elle faustosamente a rainha de Inglaterra, D. Catharina, que fôra visitar Villa Viçosa, onde havia nascido.

Escreveu e imprimiu alguns sermões como:

Sermão do Acto da Fé que se celebrou no Terreiro do Paço em o primeiro de Dezembro de 1656. Lisboa, por Antonio Craesbeeck 4.°

Expirou em um sabbado, 13 de Janeiro de 1703 e foi sepultado na capella do Santissimo da sé, da qual, por demolida em 1721, foram trasladados seus ossos para defronte, no cruzeiro, onde se lê esta inscripção:

SEPVLTVRA DO S.^{OR} D. FR. LVIZ DA SILVA
TELLES RELIGIOSO DA SS.^{MA} TRIN
DADE DA ILLVSTRE FAMILIA DOS
SILVAS TELLES M.^{E} EM THEOLOGIA
BISPO DEÃO DA CAPELLA REAL DA

JVNTA DOS TRES ESTADOS BISPO DE LA
MEGO E DA GUARDA ARCEBISPO DE EVO
RA INSIGNE NO PULPITO MAGNIFI
CO BEMFEITOR DAS SVAS IGREJAS
SINGULAR ESMOLLER P.A AS RELI
GIÕES ADMIRAVEL NA CARI
DADE PARA OS POBRES E PERFEITO
EXEMPLAR DE PRELADOS
FALECEO EM EVORA COM DITOSA MORT
E A 13 DE JAN.RO DE 1703 AOS SETENTA E SEIS DE SVA
IDADE VIVERA P.A SEMPRE A MEMORIA
DAS SVAS VIRTVDES.

Foram seus coadjutores o Bispo de Targa, D. Frei Bernardino de Santo Antonio; D. Frei Domingos Barata, Bispo de Missenia, sagrado em 29 de Junho de 1699 e morto em 27 de Abril de 1713, e natural da Erada, na serra da Estrella.

NOTAS

[1] Este documento comprova a sua liberalidade: «O Vedor da fazenda da mitra dê ao nosso Esmoller cento, e vinte e seis mil setecentos, e cincoenta e sinco reis para pagar os ornam.tos e toalhas da capella de S. Fr.co Xavier de Beja, e resplandor p.a o mesmo S.to e assim mais dê quarenta e hũ mil, e quatro centos, e vinte reis p.a pagar o feitio da cera q̃ neste anno se deu de esmolla aos conventos, e Irmandade do Santissimo da Sée. Euora 26 de setembro d'697. Fr. L.º S. Arcebispo.»
Alem d'este temos outros muitos documentos.

[2] A vida deste Prelado, respeitavel por mais de um titulo, conserva-se manuscripta na Bibliotheca de Evora no Codice $\frac{\text{CVI}}{1\text{-}27}$.

11.º D. SIMÃO DA GAMA

De 1703 a 1715

Foi este Prelado Eborense um quarto neto do grande descobridor da India, Vasco da Gama, e filho do Marquez de Niza, Conde da Vidigueira.

Estudou em Coimbra, onde foi reitor da Universidade.

Depois de ser Bispo de Faro, D. Pedro II o nomeou Arcebispo de Evora. Tomou posse da Mitra em 27 de Novembro de 1703, fazendo a sua entrada n'esta cidade em 2 de Fevereiro de 1704.

De melhoramentos ou obras por elle emprehendidas sabemos apenas que concluíra á sua custa o Collegio dos Meninos do Côro.

Achando-se doente, procurára allivio nos ares patrios, em Lisboa, na esperança que lhe restituissem a perdida saude, e ali falleceu em 5 de Agosto de 1715.

Trazido para Evora, deram jazida a seus ossos na Capella do Santissimo da sé, em campa rasa, do lado da Epistola, com esta inscripção, que ainda lá existe:

AQUI IAZ O ILL.MO S.OR DOM SIMÃO
DA GAMA FILHO LEGITIMO DOS
EXC.MOS MARQUEZES DE NIZA FOY
DEPUTADO DAS TRES INQUISISSO-
ES DESTE REINO SUMILHER DA
CORTINA . REITOR DA UNIVERCI-
DADE DE COIMBRA BISPO DO AL-
GARVE . ARCEB.O DESTA SE DE
EVORA CONCELHEIRO DESTA-
DO . E GUERRA . FALECEO EM LX.A
AO V DE AGOSTO DE
MDCCXV.

Foram seus coadjutores:

D. Diogo da Annunciação Justiniano, o qual jaz á entrada da egreja dos Loyos com este epitaphio:

AQVI IAS POR SVA HVMIL-
DADE . D. DIOGO . DA ANNV-
NCIAÇÃO . IVSTINIANO .
CONEGO DESTA CONGR-
EGAÇÃO . BISPO DA SERRA
. ARCEBISPO . DE CRANGA-
NOR . PROVISOR . E BISPO C-
OADIVTOR . DESTE ARCE-
BISPADO . FALECEO . AOS-
28 DE OVTVBRO DE 1713.

Fr. José de Jesus Maria, Religioso Dominico, natural de Lisboa, fallecido em 5 de Agosto de 1715.

Tambem foram seus Governadores:
José Borges de Barros
Manuel Alves Cidade
Paulo Alvares da Costa [1]

NOTAS

[1] Deste Prelado só temos um documento com sua assignatura. É um requerimento de Francisco de Brito Moutinho, de Evora, pedindo-lhe para que mande entrar sua filha D. Maria, no Recolhimento de S. Manços, no qual elle poz estes despachos: «Informe o R.do M.e Schola B.eu de Garfiaz sobre o Requerim.o do supp.e ouvindo a Madre Regente do Coll.o q̃ declarará se ha lugar vago de Porcionista, em q̃ a filha do supp.e seja admittida Lx.a 20 de Mayo do 1712. Arcep.o» A Madre Regente, e capellão do Coll.o de São Manços recolherão a f.a do supp.e D. M.a em o lugar de Porcionista na forma do Estylo. Lx.a 20 de Junho de 1712. Arcep.o.»

12.º D. FREI MIGUEL DE TAVORA

De 1741 a 1759

Da illustre familia dos Tavoras descende este Prelado, que nasceu em Lisboa em 9 de Novembro de 1683, filho dos segundos Marquezes de Tavora; Antonio Luiz de Tavora e D. Leonor Maria Antonia de Mendonça.

De outro parecer é Fr. Caetano de S. José na oração funebre que prégou por morte delle, dando-o como filho dos Marquezes de Arronches, da grande casa de Sousa, então Duques de Lafões.

No dia 11 de Novembro de 1699 professou em Lisboa a Regra de Santo Agostinho, no Mosteiro da Graça.

Estudou em Coimbra, onde se doutorou em Theologia e onde foi Lente. 'Naquella cidade foi Reitor do Collegio da sua Ordem. D'ella foi Provincial e exerceu outros cargos, que desempenhou zeloso.

Foi nomeado por D. João V Arcebispo de Evora em

o 1.º de Fevereiro de 1739 e sagrado pelo Patriarcha D. Thomaz d'Almeida, em 19 de Fevereiro de 1741, tomando posse por elle 'neste dia o seu Provisor, Domingos Gonçalves Galvão.

No dia 28 de Março d'este ultimo anno, fez a sua entrada em Evora, com muito apparato e pompa.

Foi tambem Inquisidor Geral e Regedor das Justiças.

Depois dos conhecidos acontecimentos de sua familia, em vez de Tavora começou a se appellidar Sousa '.

Vivendo desgostosissimo desde Janeiro de 1759 morreu em 16 de Setembro d'este anno, e foi sepultado na egreja do Convento da Graça de Evora, com este epitaphio, que hoje existe na egreja do Convento de S. Francisco:

AQVI IAZ O EXC.MO ER.MO
S.R D. FR. MIGVEL DE SOV-
ZA RELIG.O DE S.TO AGOS-
TINHO ARCEB.O DE EVORA,
PAE DOS POBRES, E EXEM-
PLAR DE PRELADOS . FA-
LLECEO AO 16 DE SEP-
TEMBRO
DE 1759.

Foram seus Provisores:

Dionysio Gonçalves Galvão, Quartanario da Sé de Evora, em 1741;

D. Fr. Jeronymo de S. José, natural de Lisboa, e morto 1772, Bispo de Tipassa, em 1745;

D. Vicente da Gama Leal, Bispo de Hetalonia, em 1767 [2].

Mandou fazer 3.ª edição das constituições do Arcebispado em 1753.

NOTAS

[1] Ainda existe á entrada da sé uma pedra commemorando a sagração d'ella, em que se vê claramente a substituição da palavra *Tavora* por *Sousa*. Abriram na pedra uma cavidade quadrilonga sobre o appellido odiado, deixando-lhe a ultima letra, imbutiram ali um bocado de pedra e 'nelle gravaram as letras SOUZ. A inscripção resa assim:

HAEC ECCLESIA CATHEDRA-
LIS METROPOLITANA EBORĒ-
SIS FUIT CONSECRATA AB EX-
CEL.MO ET R.MO DOMINO DOÑO-
FRATRE MICHAELE DE SOU
ZA ORDINIS EREMITARUM S.
P. ANGUSTINI ARCHIEPIS-
COPO EBORENSI DIE VIGESI-
MA SECUNDA MAII ANNI
MILESIMI SEPTINGENTESI-
MI QUADRAGESIMI SEXTI.

[2] Aqui poremos um documento assignado por D. Fr. Miguel de Tavora:

«Dom Fr. Miguel de Tavora por merce de D.s e da Santa Sé Apostolica Arcebispo Metropolitano da Cid.e de Evora, e todo seu Arcebispado, e do Concelho de ElRey meu Snr. & Por quanto se nos fez queixa, q̃ no Recolhimento de Santa Rosa de Viterbo da Villa de Coruche vivem algũas Recolhidas com grande desenvoltura sem a obd.a que devem ter a sua Regente e ameaçando hũas ás outras com panca-

das e facadas, esquesendosse da obrigação que tinhão, de tratar só no Recolhimento de amar, e temer a Deos N. Snr. Pela presente mandamos ao nosso R.do Vig.o de Vara da V.a de Benavente, digo da V.a de Coruche, José Cotta Bandeira, q̃ va ao dito Recolhimento, e q̃ nelle pergunte especialmente pelas desenvolturas de hũa Recolhida que veyo de Benavente, e da Recolhida que lhe serve de Mestra das noviças, faltas de obediencia das mesmas á R.da Regente, e dos ameaços q̃. fozem de dar pancadas e facadas ás outras Recolhidas, q̃ não convem com as suas dezordens, e q̃. pergunte devaçamente pelas mais faltas graves das outras Recolhidas, dando a todas o juramento aos Santos Evang.os p.a deporem a verdade sobre as desenvolturas graves, faltas de obed.a e ameaças das outras Recolhidas, para o q̃ escolherá para Escrivão hum clerigo, q̃. melhor lhe parecer, ao q.al dará o juram.to de bem e fielmente cumprir com o seu officio, e assim q̃ for acabada esta inquirição nola remetera com os depoimentos das testemunhas p.a se proceder na mat.a como for justiça. Dada em Ev.a sob nosso sinal e sello de nossas Armas aos 12 de 7.bro de 1746. E eu D.el Jose de Carv.o a escrevi por ordem de S. Ex.a Rm.a»

Fr. M. Arceb. de Evora.

13.° D. JOÃO COSME DA CUNHA

De 1760 a 1783

D. João Cosme da Cunha nasceu em Lisboa, em 26 de Setembro de 1715, sendo o quarto filho dos Condes de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Tavora e D. Isabel de Noronha. Foi baptisado na freguezia de S. Christovam.

Estudou em Coimbra na qualidade de Porcionista do Collegio de S. Pedro, onde se doutorou em Leis e onde foi Deputado da Inquisição.

Em 13 de Maio de 1738 recebeu o habito de Conego Regrante de Santo Agostinho, em Santa Cruz de Coimbra, das mãos do futuro Bispo d'aquella cidade, D. Miguel da Annunciação, com o nome de Fr. *João de Nossa Senhora da Porta*.

Nomeado successor do Bispo de Leiria, D. Alvaro Abranches, em 18 de Novembro de 1745, foi confirmado no Consistorio de 29 de Março de 1746, com o titulo de Bispo de Olympo.

Por morte de D. Alvaro Abranches tomou posse da Mitra em 23 de Julho, entrando em Leiria em 5 de Outubro de 1746, acompanhando-o o Reformador dos Conegos Regrantes, Fr. Gaspar da Encarnação, e os tres filhos illegitimos de D. João V, Gaspar, José e Antonio, os celebres *Meninos de Palhavã,* que então vestiam o habito de Santo Agostinho.

Bom e zeloso pastor nos dizem as memorias fôra elle no Bispado de Leiria. No dia do grande terremoto de 1755 andava visitando a diocese. Para logo correu a Leiria, onde ordenou uma notavel procissão de penitencia, na qual foi descalço, de tunica e cordão ao pescoço e com um pesado crucifixo nas mãos.

Fallecendo em Evora D. Frei Miguel de Tavora, ou de Sousa, foi elle o escolhido para cingir a mitra archiepiscopal, e confirmado em 24 de Março de 1760. Entrando em Lisboa recebeo o Pallio das mãos do Patriarcha, Francisco de Saldanha, e foi nomeado logo Conselheiro de Estado e Regedor das Justiças. Assim, mandou tomar posse por si, em 23 de Agosto do referido anno ao seu Vigario Geral, o Bispo de Hetalonia, D. Vicente da Gama Leal.

No espaço de 23 annos uma vez sabemos que viera a Evora; porque em 22 de Junho de 1766 assignou 'nesta cidade uma Provisão, confirmando a nomeação do P. M. Fr. José de Saldanha, Religioso Agostinho, para Capellão de Nossa Senhora da Azaruja, que 'nelle fizera seu primo, Martinho Lopes Lobo Saldanha e Vasconcellos [1].

Vivendo em Lisboa, mais cuidadoso das cousas seculares do que das ecclesiasticas, foi nomeado Presidente da Meza Censoria em 1768, e Inquisidor Geral em 31 de Março de 1770, e Cardeal, no Consistorio de 6 de Agosto do mesmo anno, e Commissario da Bulla da Cruzada no anno seguinte. Por ascender

tantos e tão altos cargos, em que mais tratava de cousas mundanas do que das espirituaes, deixou o nome claustral de Fr. João de Nossa Senhora da Porta e tomou o secular de João Cosme da Cunha.

Falleceu em Lisboa em 31 de Junho de 1783, e foi sepultado no Convento de S. Domingos; o seu epitaphio, porém, foi desfeito depois de 1834, quando arrasaram o Convento e Claustra, e não sabemos que alguem o copiasse e ande impresso.

Não se póde dizer d'este Prelado o que se tem dito de tantos. Foi um mau pastor em Evora; e, na phrase de um escriptor moderno e insuspeito: *verdadeiro lobo no rebanho do Senhor!* [2]

No tomo II da *Collecção da Academia Lithurgica Pontificia* vem uma sua *Dissertação sobre as vestes que usaram os sacerdotes na Lithurgia nos primeiros seis seculos da Egreja.*

Foi seu Governador, o Bispo de Hetalonia, D. Vicente da Gama Leal, e seu Vigario Geral o Quartanario da Sé, Pascoal Rodrigues da Costa, depois da morte do Bispo de Hetalonia.

O Dr. Francisco Martins Palma foi seu Vigario Geral em 1768.

Foi seu governador e coadjutor o Bispo de Lengonia, D. Antonio Joaquim Torrão em 1776.

NOTAS

[1] Eis o documento:

Martinho Lopes lobo de Saldanha e Vasconcelos Moço Fidalgo da Caza Real Professo na Ordem de X.º Coronel de Infantr.ª &.

Como Padroeiro e administrador q̃ sou in solidum da Capela de Nossa Snr.ª do Carmo sita na m.ª Erd.e da Azaruxa freg.ª de S. Bento do Matto deste Arcbpd.º de Evora nomeo para Capelão da dita Capela a meu Primo o M. R. P.e M.e Fr. J.e de Sald.ª por concorrerem nelle

todas as circumstancias que podem habelitar para bem Conservar a dita Capela, elhe determino para seu Emulomento o rendim.to certo que for tendo a dita Capela e dois moyos de Trigo e dois de Cevada cada anno ficando sempre Salvo todo o adventicio; esmolas e offertas que forem á dta Snr.a do Carmo p.a suas obras e para fundo do m.mo rendim.to certo e será obrigdo o referido Capelão parando as esmolas que concorrerem dos fieis a pôr da m.ma sua Congrua tudo o q̃. for precizo para fabrica da m.ma Capela Cujas obrigações Cumprirá em tudo dizendo por sy ou por pessoa idonea que bem lhe parecer todas as Missas que forem á dita Capella, convindo nisto o Exm.o Snr̃. Ordina.o a quem rogo o confirme. Azaruja 26 de Fevr.o de 1765.

CONFIRMAÇÃO

D. Joam de Nossa Senhora da Porta &.

Aos que esta nossa Porvizão de Confirmação de Capelania virem saude e paz em D.s nosso Senhor. Fazemos saber que o R. P.e M e Fr. José de Saldanha Religioso de Santo Aug.to nos enviou a dizer por sua petição por escripto que pela apresentação junta se achava nomeado Capelão da Igr.a de N. Sn.a do Carmo da Erde da Azaruja freg.a de Sam B.to do Matto do nosso Acbpdo e por que tinha consedido licença de sua Religiam e só lhe faltava o ser confirmado por nós, o que visto o seu requerimento lhe mandamos passar a prez.te pela qual confirmamos Capelam da Capa de N. Snr.a do Carmo da sobrid.ta herde ao Reverendo Pe M.e Fr. J.e de Saldanha Relejioso de S.to Agos.to por confiarmos da Capacid.e e suffeciencia do Sup.e que fará o q̃ cumpre ao serviço de D.s e bem da Igr.a desencarregando nossa e sua Conciencia e haverá com a dita Capelania de ordenado, e emolum.to o rendim.to Certo que for tendo a dita Capela e dois moyos de Trigo e dois de Cevada cada anno, ficando sempre salvo todo o adventicio de esmolas e offertas que forem á dita Senhora do Carmo p.a as suas obras e para fim do mesmo rendim.to Certo e será o dito Capelão obrigado parando as esmolas dos fieis a pôr da sua mesma congrua tudo o q̃. for preciso para a fabrica da mesma Capela tudo na forma da Apresentação do Padroeiro Martinho Lopes lobo de Sald.a a qual se lhe entregou, e de como recebeo, e asinou o Rd.o Capellão, e cumprirá todos os encargos anexos á dita Capelania. Dada nesta Cidade de Evora, sob sello de nossas armas, e nosso sinal aos vinte e dois de Junho de 1766. E eu o Padre Nicoláo da Silveira Ex.am da Camara Ecclesi.ta a sobescrevy. Dom João Arcbp.o Regedor.

[2] A. Canaes de Figueiredo Castello Branco — *Estudos Biographicos.*

14.° D. JOAQUIM XAVIER BOTELHO DE LIMA

De 1784 a 1800

Nasceu em Lisboa este Prelado, dos Condes de S. Miguel, Thomaz José Botelho de Tavora e D. Julianna Xavier de Lencastre, e foi baptisado em Santa Engracia em 1 de Abril de 1717.

Ordenou-se em Julho de 1762.

Foi Porcionista, em Coimbra, do Collegio dos Militares, como Freire de S. Bento de Aviz, e ali estudára Canones em cuja Faculdade se graduou.

Em 1773 era elle Parocho de Santa Cruz do Douro e Abbade de S. Martinho de Soalhães, confirmado pelo Bispo do Porto, D. João Raphael de Mendonça.

Nomeado Arcebispo de Evora, tomou posse da Mitra em 22 de Março de 1784.

Comprou tres Pontificaes para a sé: o de tela de prata bordado a ouro; o de tela encarnada bordado a ouro, e o preto. Estes Pontificaes foram mandados fazer em Roma por D. Maria I para o seu

confessor, o Arcebispo de Thessalonica, cujas armas tem, e ao qual não serviram nem eram ainda bentos quando comprados por D. Joaquim Xavier Botelho de Lima.

Fez na sé algumas obras importantes, como a tribuna, que lhe custou 17:000 crusados, e o guarda-vento da porta principal, cuja mão de obra durou cinco annos. Deu tres alampadas de prata para o altar-mór, que tinham de peso 15 arrobas.

Não gostou nunca de armas, retratos, nem do seu nome escripto em lembrança de suas obras. Na livraria que deixou á Mitra vê-se nas guardas de cada volume um bilhete impresso, circumdado de lavores e sobrepujado apenas da Mitra, com esta generica letra:

EX LIBRIS

EXMI . AC REMI . D . D .

ARCHIEP. METROP.

EBORENSIS. [1]

Foi homem de muita caridade, confirmando-a hoje mesmo a tradicção, dizendo que o illustre Prelado costumava assomar de manhã ás janellas do seu paço observando as chaminés que não fumavam, e mandando para logo aos habitantes d'aquellas casas uma peça a cada um.

Foi em seu tempo que succedeu o fallado caso da *Beata de Evora*.

Deve-se-lhe a fundação da Bibliotheca, hoje Publica de Evora, instituida para seu uso e dos Prelados seus successores, com Bulla Pontificia de 30 de Agosto de 1796 e Beneplacito Regio de 27 de Outubro [2].

Falleceu em 10 de Abril de 1800 e jaz sepultado

em campa rasa na capella-mór da egreja do Convento do Calvario, cujas cenobitas muito esmolára, com esta letra:

IOACHIMO . XAVERIO BOTELIO . DE . LIMA
EX COMITIBVS . S . MICHAELIS .
EBORENSIS . ECCLESIAE . METROP . ARCHIEP .
OPTIMO . MERITO .
QVI POPVLO . SVO CVM DECEM . ET . SEX . ANNOS .
PRAEFVISSET .
PRVDENS . DOCTVS . AC . PIVS .
MAXIME . SVI . DESIDERIO . CUNCTIS RELICTO
ANNOS . NATVS . TRES . ET . OCTOGINTA .
OBIT IV IDVS . APR. AN . MDCCC .
PERPETVIS VIRTVTVM . LAVDIBVS . AD . POSTEROS .
VICTVRVS .

Em 24 de Março de 1784 nomeou elle seu Provisor o Bispo do Maranhão, D. Jacintho Carlos da Silveira, nascido em Evora em Setembro de 1732, de Manuel Gomes dos Reis e de D. Francisca Maria da Silveira, e morto pelos Francezes, em casa de seu irmão, o Dr. Joaquim José Baldeira, no dia 29 de Julho de 1808. Foi sepultado na *capella dos ossos* da egreja de S. Francisco de Evora, com esta letra, hoje patente:

AQUI IAZ O EX.^MO E REVER.^MO SR. D. IACINTHO CARLOS DA SILVEIRA, BISPO DO MARANHÃO, PROVISOR DE MONTOUTO . DO CONCELHO DE SUA MAGESTADE . FOI MORTO PELOS INIMIGOS DA PATRIA NO DIA 29 DE JULHO DE 1808.

Por morte de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima foi Vigario Capitular o referido Bispo do Maranhão.

João José da Costa Pedroso era Vigario Geral em 1798[3].

NOTAS

[1] Fr. Manuel de S. Remigio, memoria manuscripta no Cod. $\frac{CIX}{2\text{-}11}$ da Bibliotheca de Evora.

[2] Possivel é que este Prelado achasse já um nucleo qualquer de livraria da Mitra, pois que todas as dioceses a possuiam, maior ou menor, e não fizesse mais do que amplial-a e, por assim dizer, amparal-a á sombra da Bulla Pontificia. Edificio proprio, estatutos, empregados, muzeu, collecção numismatica, manuscriptos, emfim, a grandeza e vida que hoje tem, gloria será sempre do grande Cenaculo.

[3] Na collecção de autographos que possuimos, o de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima diz assim :

Ao Ex.mo e R.mo Sn.or Dom Francisco Montr.o Pr.a de Vasconcellos Bispo d'Vizeu do Con.so d'Sua Mag.e : Bem asim ao Ex.mo e R.mo Sn.cr Dom Francisco de Lemos de Faria Pr.a Coutinho Bispo d'Coimbra, Conde de Arganil &, e a todos os mais Ex.mos e R.mos Sr.es Bispos Nossos amados Co-Irmãos em Jezus Chripto Senhor Nosso; a todos os seos Reuerd.os Vigarios in spiritualibus, et temporalibus —; a todos os R.mos Sr.es Prellados Ordinarios, e mais Justiças Ecclesiasticas: Não menos a todos os Senhores Ministros de Sua Mag.e , a quem esta Nossa Reqquizitoria for prezentada, e a quem d'ella o conhecim.to pertencer; a todos da parte de Deus, e da Nossa, por seu S.to Serviço lhes pedimos, e m.to lhes rogamos queirão auxiliar os Nossos Subditos, e officiaes da Curia desta Nossa Metropole «Diogo Guerreiro Pereira» e Francisco José da Silveira com mais alguma pessoa, que os acompanhar; os quaes se derigem á Cidade d'Vizeu a conduzirem p.a esta d'Evora os Irmãos Monges da Cong.am de Montfurado «Luiz da M.e de Deus» «José de Nossa Snr.a da Guia» e José de S.ta Maria» todos tres Sacerdotes da Nossa Obdiencia, e inteira Jurisdicção, os quaes se a Xão reclusos no Aljube da Cid.e de Vizeu, por algumas irregularid.es, e aposthasia — E como os d.os Nossos Officiaes deuem hauerse nesta deligencia de modo q̃ a não deixem frustrada, e lhes venha a ser menos incommodo porisso a todas as Justiças rogamos os auxiliem

com o necessario adjutorio: Prottestando Nos q̃ em taes, e ainda em outras maiores occurrencias, q.do sejamos requeridos, faremos, alem do que deuemos pello Nosso Officio, e pella razão de Co-Irmão; tudo o mais que a nossa delig.a, o nosso zello, e a nossa gratidam poderem fazer effectivo em obsequio de suas Pessoas: Dada em Evora sub nosso signal, e sello menor de Nossa Chancelaria aos 14 d'Abril de 1795 — Eu João Límpo Pimentel Licenciado em Canones Dezb.or da Rell.am desta Metropole, e Secretr.o de Sua Ex.a R.ma que a fiz de seu mandado.

Joaq.m A. d'Evora.

15.° D. FREI MANOEL DO CENACULO VILLAS BOAS

De 1802 a 1814

Foi este grande Prelado um dos mais respeitaveis e venerandos que teem cingido a mitra de D. Theotonio de Bragança, por seu muito amor ao estudo, aos homens de letras e ás patrias liberdades.

Nascera em Lisboa no primeiro de Março de 1724, sendo filho de um serralheiro, por nome José Martins, natural de Constantim, termo de Villa Real, e de Antonia Maria, natural de Lisboa.

Quando contava 16 annos de edade professou a Regra da Terceira Ordem, em 25 de Março de 1740.

Estudou em Coimbra, onde tomou o grau de Doutor, em 26 de Maio de 1749, e onde foi Oppositor e Lente, desde 1751 até 1755.

Foi depois Chronista da sua Ordem em 1757, Provincial d'ella em 1768, Deputado da Real Mesa Censoria, em 21 de Abril do mesmo anno, Confessor

do Principe D. José, em 16 de Março de 1769, primeiro Bispo de Beja, em Março de 1770, cujo Bispado fôra desmembrado do Arcebispado de Evora pelo Marquez de Pombal, para lhe recompensar os valiosos serviços prestados na Junta reformadora da Universidade.

'Neste mesmo anno foi nomeado Mestre do Principe, exercendo ainda outros cargos importantes e honrosos.

Por morte de el-Rei Dom José foi este grande homem involvido na politica, que relegou o Marquez de Pombal para esta Villa, e teve de se recolher ao seu bispado, que famosamente governou, e no qual entrára em 18 de Maio de 1777.

Fallecendo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, foi Cenaculo eleito Arcebispo de Evora, em 3 de Março de 1802.

Na invasão franceza, em 1808, foi elle quem salvou Evora da total destruição; mas, alcunhado de jacobino, teve de soffrer provações grandes, soffrimentos inauditos, sendo preso e levado para Beja por uma horda de malfeitores, sem que lhe valesse a terra que elle salvára da sanha de Loison [1].

Fundou, ou, melhor, ampliou Bibliothecas, sendo a d'esta cidade de Evora riquissima em livros antigos, e maiormente em manuscriptos.

Aproveitando a Bibliotheca que achára reunida por seu antecessor, accommodou o antigo Collegio dos Moços do côro, annexo ao Paço Archiepiscopal em 1666, pelo Governador D. Fr. Luiz de Sousa [2] a uma casa de estudo, com duas vastissimas salas, convenientemente exornadas com estantes e pinturas, e ali, sobre bases mais regulares, deixou á posteridade a rica Bibliotheca, que hoje subsiste tutelada do Governo, e patenteiada ao publico desde que a superin-

tendencia d'ella e sua administração foi confiada ao zeloso Bibliothecario, o Dr. Augusto Filippe Simões.

Á entrada da Bibliotheca lê-se esta inscripção commemorativa d'esta fundação ou organisação:

IESV . CHRISTO . FILIO . DEI . VIVI
LVMINI . INDEFICIENTI
AD . MENTEM . BENE . COLLOCANDAM
RELIGIONEM . ASSERANDAM
DOMVM . LITERARIAM
CVM . VOTO . PERENNITATIS
FR . EMM . ARCH . EBORÉN
OCT . KAL . APRIL . AN . DOM . MDCCCV .

Muitos e de muito valor são os seus trabalhos litterarios, sobresaindo 'nelles os *Cuidados Litterarios*, e as *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*.

Na provecta edade de noventa annos expirou em Evora, de pura velhice, em 26 de Janeiro de 1814 e foi sepultado no Collegio da Companhia de Jesus, em campa rasa, com este epitaphio:

AETERNAE . MEMORIAE . SACRUM .
D . D . FR. EMMANUELIS . A COE-
NACULO VILLAS BOAS TER-
TII ORDINIS . S . FRANCISCI
ALUMNI, PRIMUM EPISCOPI
JULIO - PACENCIS, POSTREMO
ARCHIEPISCOPI EBORENSIS :
QUI OB SEDULAM AC DIUTUR-
NAM OPERAM, SIVE IN SERENIS-
SIMO BRASILIAE PRINCIPE
D. IOZEPHO INSTITUENDO ; SI-
VE IN RE LITTERARIA APUD SO-

DALES ET CONCIVES AD NOVAM
QUASI VITAM RÆVOCANDA; SI-
VE IN ALIIS MAGNISQUE REI-
PUBLICÆ ET ECCLESIAE MU-
NERIBUS INTEGERRIME OBE-
UNDIS; PIETATE DUCE AC DOC-
TRINA, RELIGIONEM ET PA-
TRIAM SIBI PERENNITER DE-
VINXIT . OBIIT VII . KAL . FEBR .
CIODCCCXIV AETATIS SUAE
ANNO XC . PONTIFICATUS XLIV
DESIDERATISSIMO PRAESU-
LI BENE MERENTI POSUIT
ANTONIUS IOSEPHUS OLIVE-
RIUS.

Foi seu Provisor o Bispo de Eucarpia, Antonio José de Oliveira que viera com elle de Beja, fallecido em 1824 e sepultado á entrada da egreja de Sant'Iago, com esta letra:

AQUI JAZ
O BISPO
D'EUCARPIA
F. EM 29 DE JANEIRO
DE 1824.

NOTAS

[1] Existe entre muitos manuscriptos seus, na Bibliotheca de Evora uma curiosa memoria dictada e assignada por aquelle grande homem, narrando a perseguição que soffreu, e o modo como levou o general francez Loison a mandar suspender a matança em Evora, nos dias 29, 30 e 31 de Julho de 1808. Foi impressa em 1887.

Tambem temos na nossa collecção uma sua carta original, que resa assim: «Am.º e Sr. A estas onze horas da manhã de Dom.º apparece

Fr.º Gamito, e vou dizer Missa: despacho-o, e peço a V. S.ª faça entregar esses dois maços aos dois am.ºs Alvares e Sabino. (ou Sadino ? 'neste caso é a Bacage) Recebi hontem sabb.º duas suas a q̃. agora não posso dizer palavra porq̃. apenas posso celebrar, porque estou esperando huma Fidalga. Estou, sr̃., bom e a m.ª casa está agora Hospital de defluxos, mas coisa da estação. Espero Jose Fr.º Goes para mandar huns vintens, e fallar. Logo escrevo a Evora, e sejanos Parabem. O tempo até faz parar o cerebro p.ª se não cuidar em jornada. encõmendar a Deus g.e a V. S.ª Domingo nove de Jan.º de 1803.

De V. S.ª

am.º do c.

Arceb.º de Evora.

[2] Nos Frey Luis de Souza D.or na Sagrada Theologia do Cons.º de S. Mg.de seu Esmoler Mor, Eleito Bispo do Porto, e G.or deste Arcebp.do de Euora & Mandamos a M.el do Cabo Recebedor das rendas Pontificais q̃. do din.ro dellas, entregue a Paulo Roiz quatro mil rs de de q̃ lhe fazemos M.e na prim.ra pedra q̃ lançamos na obra do passadisso q̃ fazemos das cazas Pontificais p.ª vnir a ellas, o Coll.º dos mossos do choro; E com conhecim.to feito pello nosso Escrivão da fazenda e assinado pello ditto Paulo Roiz de como recebeo os dittos 4: mandamos lhe seião leuados em conta nas q̃ der de seu reçibo. Dada em Euora sob nosso sinal aos noue dias do mes de Dezembro de seis s.tos sessenta e seis annos. E eu João franco Escriuão da fazenda a sob Escrevi.

Fr. Luiz de Sousa.

16.º D. FREI JOAQUIM DE SANTA CLARA BRANDÃO

De 1816 a 1818

Na heroica cidade do Porto nasceu este Prelado, em 23 de Agosto de 1740.

Era monge Benedictino e Doutor em Theologia na Universidade antes de ser eleito Arcebispo de Evora.

Professára a Regra de S. Bento no mosteiro de Tibães, sendo Geral Fr. Antonio de Santa Clara.

Em 24 de Maio de 1766 tomou ordens de presbytero em Coimbra, que lhe foram conferidas pelo Bispo d'aquella cidade, D. Miguel da Annunciação.

Em 17 de Julho de 1771 tomou o grau de Bacharel em Theologia e Capello em 1778, exercendo já o magisterio.

Um Alvará de 17 de Fevereiro de 1790 o nomeou Prégador da real Capella da Bemposta.

Por Carta regia de 29 de Dezembro de 1793 foi

nomeado Lente Cathedratico de Exegetica, e em 15 de Março de 1806 Lente de Prima de Theologia.

Foi elle quem primeiro prégou nas exequias de Sebastião José de Carvalho e Mello, em Pombal, quasi forçado pela auctoridade de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Bispo de Coimbra, cuja mitra devia ao Marquez de Pombal, e que para esta Villa saira com muita clerezia e com a musica da real capella da Universidade e da sé, quando sabida em Coimbra a morte do grande Ministro.

Curioso é o dialogo havido entre os dois logo que Santa Clara, chegado a Pombal, ajoelhou para beijar a mão ao Bispo de Coimbra, que lhe perguntára porque duvidou em vir ao seu primeiro chamamento? Ao que Fr. Joaquim de Santa Clara respondera — *Domine, salva nos, perimus.* Erguendo-o, D. Francisco de Lemos lhe respondeu: *Quid timidi estis, modicae fidei?* Dialogo tirado do sabido logar de S. Matheus, cap. VIII, vers. 23 a 27.

Prégou, com effeito, Santa Clara.

Grangeou-lhe aquelle sermão grande desamor da Côrte de Roma, que muita duvida poz em o confirmar Arcebispo d'Evora.

Corre impresso o notavel sermão no *Investigador Portuguez* numero 73 de Julho de 1817 e no *Conimbricense* numeros 2540 e 2541, de 1871.

Teve carta de conselho: Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1817. (Bibliotheca da Manisola).

Em Dezembro de 1814 já Santa Clara estava eleito Arcebispo; mas, tal foi a lucta para a sua confirmação, que só tomou posse da mitra em 3 de Outubro de 1816, tendo sido sagrado em 21 de Setembro[1].

A eleição d'este grande orador sacro foi festejada em Coimbra com estrondo, como se póde ler no *Jornal de Coimbra.*

Entrou em Evora em 6 de Novembro de 1816, e 'nesta cidade falleceu, desgostoso com a côrte e com Roma, em 11 de Janeiro de 1818. Jaz no cruzeiro da sé em campa rasa com este epitaphio:

D. F. JOACHIMUS . S. CLARA . BRANDÃO .
EX . BENEDICTINA . FAMILIA .
IN . CONIMBRICENSI . LYCEO .
THEOTOGIAE . PRIMARIAE . CATHEDRAE .
AD . VITAM . SPLENDOR .
OCTOGENARIUS
HUJUS . METROPOLIS . ANTISTES .
VIRTUTIBUS . PLENUS .
AD . ANNUM . BAPTUS .
HIC . SITUS . EST .

O Plano e o Regulamento dos Estudos para a Congregação de S. Bento, é obra sua, como o são outros escriptos.

No Codice $\frac{\text{CXXIX}}{2-12}$ da Bibliotheca Publica de Evora existem algumas tentativas poeticas suas, já originaes, já traducção do grego, já latinas.

Foi seu Vigario Geral o Bispo de Bugia, Antonio Mauricio Ribeiro.

NOTAS

[1] Aqui publicaremos a carta autographa que confirma estar elle eleito em 1814. É a seguinte:

«Ill.mo e Ex.mo Snr. — Muito cordialmente agradeço a V Ex.a a obsequioza Carta, a mim dirigida só para me honrar, a qual tanto me obriga! Pelo que V. Ex.a nella me diz, espero ter cedo a felicidade de estar por algum tempo mais perto de V. Ex.a na Corte, para onde estou de partida. Logo que eu ahi chegue, procurarei a gostoza e dezejada Satisfação de conversar com V. Ex.a, para na Sua Prezença re-

novar os meus sinceros agradecimentos; para dar a V. Ex.ª os mais bem merecidos Parabens em tróca (por assim dizer) dos que V. Ex.ª me dá tão generozamente sem eu os merecer; e para pedir a V. Ex.ª os prudentes conselhos, de que muito necessito. Entre tanto estimarei grandemente que V. Ex.ª Logre Saúde perfeita para bem da Igreja e do Estado; e me dê, ou prepare occaziões de mostrar-lhe a veneração, com que Sou, e m.to me prézo Ser

De V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo S.r Bispo Eleito,
Provizor do Arcebispado de Evora.

Servo attento e obrigado
Fr. Joaquim de S.ta Clara
Arcebispo Eleito de Evora.

Coimbra, 14, de
Dezr.o de 1814.

17.º D. FREI PATRICIO DA SILVA

De 1820 a 1826

Nas proximidades de Leiria, de paes pobrissimos, segundo uns, de remediados, segundo outros, nascera D. Patricio em 15 de Outubro de 1756.

Tinham por nome seus progenitores, Jacintho da Fonseca e Silva e Thereza Ignacia de Sousa.

Nôvo ainda entrou elle no convento dos Agostinhos Calçados de Leiria, onde os frades, conhecendo-lhe o talento não vulgar, o educaram.

Em 21 de Dezembro de 1780 tomou ordens de Presbytero.

Fez exame privado e doutorou-se em Coimbra em Julho de 1785 e ali foi Lente de Theologia.

Reitor do Collegio da sua Ordem em Coimbra, foi depois Prégador Regio, Censor do Patriarchado, Socio da Academia Real das Sciencias e Professor de Theologia no Seminario de Santarem.

Eleito Bispo de Castello Branco em 13 de Maio

de 1818, não tomou posse d'aquella diocese; porque em 3 de Maio de 1819 foi nomeado Arcebispo de Evora, cuja Mitra acabára de vagar por obito de Fr. Joaquim de Santa Clara.

Em 21 de Fevereiro de 1820 foi confirmado em Roma, e em 30 de Abril, sagrado na egreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, tendo tomado posse por procuração, em 21 do mesmo mez.

Em 27 de Setembro de 1824 foi elevado a Cardeal.

Por morte de Cardeal da Cunha, Patriarcha de Lisboa, foi elle o eleito e confirmado por Bulla de 13 de Março de 1826.

Foi Regedor da Casa da Supplicação, Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, e Vice-Presidente da Camara dos Pares, em 1826.

«Falleceu em 3 de Janeiro de 1840 em Lisboa, e jaz em S. Vicente de Fóra sem epitaphio, ou qualquer letreiro indicativo do cadaver que ali jaz, e nenhum dos senhores Patriarchas depositados nos jazigos teem epitaphio no seu caixão; em uma palavra, no jazigo Patriarchal não ha uma letra[1].»

Deixou impressas algumas Pastoraes, modelos no genero.

Foram seus Provisores:

Antonio José de Oliveira, Bispo de Eucarpia[2];

Antonio Mauricio Ribeiro, Bispo de Bugia, fallecido em Setubal e sepultado no convento de Brancanes sem epitaphio nenhum presentemente, e talvez mesmo nunca o tivesse, pois que Antonio Mauricio Ribeiro ali falleceu expatriado em epocha de paixões partidarias, pouco asada á concessão de memorias aos vencidos. Este Bispo deixou grandes haveres. Ha na Bibliotheca de Evora o seu retrato.

NOTAS

[1] De S. E. R. o Sr. D. A. A. de Mythilene, fallecido Arcebispo de Braga.

[2] Eis uma carta original com a assignatura de D. Patricio, ácêrca das contas da fabrica da sé, no tempo em que o mesmo Bispo de Eucarpia fôra fabriqueiro:

«Tendo Nós determinado fechar, e ajustar as contas da Fabrica da Nossa S.ta Sé dos ultimos seis annos, em q̃ foi Fabriq.ro o Ex.mo Bispo d'Eucarpia, q̃ Ds haja em gloria, com os R.dos Conegos, seus Testamenteiros, p.a q.do nos recolhessemos a Evora; e vendo agora, q̃ o Nosso regresso p.a essa Cid.e se vai retardando mais, do q̃. esperavamos; considerando, q̃. a demora do ajuste, e liquidação das d.as contas, pode ser prejudicial á Testamentaria do Ex.mo Defunto: Ordenámos ao R.do Conego, Nosso Vig.ro G.al, e Juiz dos Residuos, q̃ da Nossa parte convide o R.do Conego Fabriq.ro, e os dous R.dos Conegos Testament.ros, p.a q̃ na sua prez.a procedão amigavelm.te, e com aq.la bôa fé, q̃. he de esperar de Ecclesiasticos de tanta probidade, e revestidos de tão distincta Dignid.e, á sobred.a liquidação, e ajuste de contas, fazendo as sessões, e conferencias necessarias ate se ultimar este negocio. Hoccorrendo duvidas, q̃ estorvem a sua amigavel concluzão, não duvidaremos praticar, como já propozemos, o mesmo, q̃. praticou o Nosso Veneravel Predecessor. o Ex.mo e R.mo Sñr. D. Fr. Manoel do Cenaculo, a resp.to das preced.tes contas do m.mo Ex.mo Bispo Ex Fabriq.ro, isto he, dár tambem estas por justas, e saldadas sem debito de parte a p.te, lavrando-se termo de aceitação d'esta amigavel composição por parte dos Hdos Testament.ros, q̃. nos será remettido, sem outras clausulas, ou condições, mais do q̃. as necessarias p.a legalizar as contas da Testamentaria. E não convindo os sobred.os R.dos Conegos Testamenteiros, poderá o R.do Conego, Nosso Vigario Geral conceder, q̃ se continúe na venda dos bens da herança, debaixo das condições ja requeridas p.lo R.do Conego Fabriq.ro, de se pôr o seu producto em depozito, e da m.ma sorte o producto das vendas ja feitas liquido das indispensaveis despezas, até se julgarem, e sentenciarem as referidas contas. Lx.a 30 d'Abril de 1824.»

Fr. Patricio Arceb.o d'Ev.a

18.° D. FREI FORTUNATO DE S. BOAVENTURA

De 1832 a 1844

De paes pobres mas honestos nasceu Frei Fortunato de S. Boaventura na villa de Alcobaça, pelos annos de 1778.

Em 25 de Agosto de 1795 professou elle a Regra de S. Bernardo, no grande mosteiro da sua patria.

O seu talento e applicação o fizeram ir a Coimbra estudar Theologia, em cuja Faculdade se doutorou.

'Naquella cidade foi professor, tanto no Collegio das Artes como na Universidade.

Em 27 de Agosto de 1831 o nomeára D. Miguel Reformador Geral dos Estudos, e em 29 de Setembro do mesmo anno Arcebispo de Evora.

No dia 3 de Junho de 1832 tomou posse da Mitra.

Pouco tempo pastoreou o seu rebanho D. Frei Fortunato de S. Boaventura. As commoções politicas,

que abalaram o reino 'naquella epocha o arrojaram para longe da patria e dos amigos.

Em 1833 era seu Governador o Dr. José Joaquim Poças.

Em 2 de Abril de 1834 achava-se elle em Estremoz e no dia 10 em Borba[1].

Começa um periodo tumultuario. Saindo para não mais voltar, o Governo liberal nomeou em Evora uma Junta Governativa composta do Deão, José Joaquim de Moura, que foi Arcebispo de Braga, Joaquim José Varella e José Antonio da Matta e Silva, que falleceu Arcebispo de Evora.

Em 31 de Maio de 1834 é nomeado Vigario Capitular *interim* o Deão, José Joaquim de Moura.

Já em 21 do mesmo mez fôra nomeado Governador temporal o Chantre da Sé de Lisboa, Dr. Manoel Joaquim Cardoso Castello Branco, que administrou até 1836, anno em que, aos 13 de Setembro, fôra exonerado, sendo nomeado por Decreto da mesma data, para o substituir, o Dr. Joaquim Placido Galvão Palma, que governou até 26 de Fevereiro de 1840.

De 1840 a 1842 governou o Arcebispado Manoel Pires d'Azevedo Loureiro, que depois foi Bispo de Beja.

Em 14 de Julho de 1842 foi nomeado Vigario Geral e Governador Manoel José Fernandes Cicouro, entrando no caminho da legalidade o governo do Arcebispado em 16 de Setembro d'aquelle anno, e saindo elle em 24 de Março de 1845, elegeu o Cabido para o substituir ao Deão Moura.

No anno seguinte, com 66 annos de edade, falleceu em Roma o sabio filho de S. Bernardo, e ali jaz na egreja da invocação do Santo da sua Ordem, sem epitaphio algum. Odiado de muitos na vida por suas ideias politicas, lá dorme o eterno somno esquecido na morte[2].

Ha de, porém, ser lembrado o seu nome, emquanto se fallar a lingua de Frei Luiz de Sousa, porque «o sabio não vae todo á sepultura».

Prelado de vasta erudição, foi bem digno de melhor sorte. Fautor dos principios politicos do Infante D. Miguel, Frei Fortunato morreu expatriado e quasi na miseria, deixando um nome illustre e respeitado na republica das letras portuguezas[3].

No Diccionario Bibliographico de Innocencio Francisco da Silva se póde ver o extenso catalogo de suas obras.

NOTAS

[1] Fallam assim os documentos: «Remettida ao M. R.do Vig.ro da vara, para que, verificada a pobreza dos Supp.es e a devida separação por nós tantas vezes recommendada, se lhes conceda a graça que pedem. Estremoz, 2 de Abril de 1834. F. F. S. B. A.» É um despacho á petição de Filippe Nery Machado e de Gertrudes do Carmo para casarem.

Em despacho semelhante é datado de «Borba, 10 de Abril de 1833. F. F. S. B. A.»

[2] Dizem-nos de Roma: «Não só não existe epitaphio, nem monumento, nem lapida nenhuma ao Arcebispo de Evora, que está sepultado em S. Bernardo.»

[3] Ácerca do caracter moral de Fr. Fortunato de S. Boa Ventura bem é que fique aqui exarada a opinião de um nosso illustre homem de letras, que não nos atrevemos a combater, não só porque já nascemos depois da calamitosa quadra e não fomos testemunhas presenciaes da prédica do sabio Arcebispo, em que, segundo seus adversarios, mais pungente era sua doutrina, mas porque não sendo nosso fim aggredir ou combater-lhe o caracter melhor julgamos deixar aos que possam ser juizes desapaixonados, o aquilatar este parecer, tão famosamente escripto. Para nós, que só folgamos de ver em Fr. Fortunato o homem de letras e-nos doloroso o recordar a sua expatriação, as privações, que se affirma soffrera em Roma, e a falta de uma lapida, por singela que fosse, que na egreja de S. Bernardo, 'naquella metropole da christandade lhe perpetuasse o nome. Eis a opinião do nosso muito illustrado amigo, o fallecido F. A. Rodrigues de Gusmão:

«Ácerca do caracter moral d'este celebre monge de S. Bernardo

devo dizer, com a mão na consciencia, e debaixo da minha palavra de honra, que era inteiramente opposto ao que lhe attribuiram os seus adversarios politicos, alcunhando-o de *sanguinario, furibundo*, etc., etc. Era todo brándura o bom de Fr. Fortunato, e de uma acrysolada caridade.

«Presenciei o que vou dizer. Todos os dias dividia o seu jantar ao meio, dando metade a umas senhoras pobres e envergonhadas, que moravam em Coimbra, na Rua Direita. Mandavam uma condeça, e elle, pelas suas proprias mãos, arranjava e acondicionava alli o jantar.

«Era sobremaneira affeiçoado ao instituto de Freiras de Villa Pouca da Beira, que professavam a mesma regra das Therezinhas de Coimbra. As suas alumnas sahiam, pela maior parte, de raparigas robustas e sadias do povo, com pronunciada vocação religiosa, e forças para cumprir os preceitos austeros da Ordem. O bom de Fr. Fortunato ás desvalidas, que era o maior numero, dava o enxoval, e hia prégar na profissão, favorecendo assim a liberdade do bem. Hoje só ha a liberdade do mal: os prostibulos estão abertos, fechadas as casas religiosas!

«Mas dir-me-ha V. S.ª: = Os escriptos politicos de Fr. Fortunato ressumam odios e vinganças por todos os póros; não está em harmonia o que você diz com o que elle escrevia...»

«Olhe, meu bom amigo, semelhava-se, sob este ponto de vista, o bom monge cisterciense com o nosso Taborda.

«Quem conhece e trata na vida intima este celeberrimo actor e insigne comico, acha-o grave, serio, até melancholico; e, todavia, no theatro é uma personagem muito differente.

«São problemas psychologicos estes, que nem sempre têem facil resolução, com quanto a devam ter obvia.

«Virtude austera, pureza de costumes intemerata creio que ninguem ainda poz em duvida em Fr. Fortunato; a virtude, porque mais particularmente se illuminou o vulto venerando do prelado eborense foi a caridade. Perdôe a diffusão.

«Venerei sempre este meu mestre, porque o foi no meu exame de Grego; era desleixado no vestir, e parecia rude nos modos, occultava-se, porém, n'estes exteriores um excellente homem a todos os respeitos.»

19.º D. FRANCISCO DA MÃE DOS HOMENS ANNES DE CARVALHO

De 1846 a 1859

Nascera na cidade de Evora, em 24 de Setembro de 1780 e fôra baptisado na Egreja de Santo Antão. Seus paes se chamaram João Ferreira Marques e D. Thereza de Jesus.

Tomou o habito de Santo Agostinho no convento de Nossa Senhora da Conceição, em Estremoz, no dia 5 de Novembro de 1795, por mão de seu sobrinho, Joaquim da Mãe dos Homens Galvão Palma.

Chamado a Setubal por seu irmão, Frei Joaquim de Jesus, ali professára, em 6 de Novembro de 1796.

Em Coimbra, no Collegio de Santa Rita, completou os seus estudos theologicos [1].

Voltando a Evora, no Convento da sua Ordem ensinou Philosophia, não tendo ainda 23 annos de idade.

Em Julho de 1808 começou a prégar em Evora

em favor da legitimidade da casa de Bragança, não só por serem essas as suas ideias, mas porque D. Frei Manuel do Cenaculo a isso o aconselhava. Arriscada era tanta audacia quando Loison se approximava da cidade com um exercito vencedor de mil combates!

Na cathedral eborense foi elle orador na festa que commemorou a batalha de Bailen, vencida pelos hespanhoes. Por isso nos dias 29, 30 e 31 de Julho d'aquelle anno elle foi perseguido e procurado em Evora, tendo, por se escapar aos Francezes, de saltar da muralha da cidade e de se refugiar em Monsaraz, até á derrota dos vencedores na Roliça e no Vimeiro.

Prégando depois na mesma sé de Evora na commemoração das victimas dos Francezes, por tal modo se houve que Cenaculo lhe deu a Egreja de S. Matheus, no concelho de Monte-mór-Novo. Adoecendo, porém, de sezões 'naquella freguezia, d'ali saiu para o Convento da Boa Hora, em Belem, onde ensinou Theologia moral.

Algum tempo depois embarcou-se para o Brasil, deixando Portugal em 15 de Setembro de 1812 e chegando áquella possessão em 3 de Dezembro.

Ali estreiou a sua brilhante carreira de orador sagrado na capella real, onde, pouco depois, prégou nas exequias da Infanta D. Marianna.

Bemquisto de D. João VI, este o nomeou Prégador Regio e o fez cavalleiro de Christo, e Prior da Egreja de Nossa Senhora da Graça da Villa de Assumar, de que não chegou a tomar posse, por ser apresentado em uma conezia magistral da capella regia.

Em 17 de Fevereiro de 1819 foi nomeado administrador da Capella de S. José de Evora.

Entretanto, declarando-se a independencia do Brasil e recusando-se a prestar juramento e a reconhecer aquella independencia, voltou ao reino em 12 de Junho de 1822.

No anno seguinte passou-se de novo ao Brasil, onde, no Maranhão, prestou valiosos serviços a Portugal, e d'onde voltára, obstinando em não jurar a independencia d'aquella colonia. Dezembarcando no Porto, d'ali foi para Lisboa.

Estava então prestes a sair para Coimbra o Bispo D. Joaquim da Nazareth, e D. João VI o nomeou conego d'aquella sé, para onde partiu com o referido Bispo, como seu Secretario.

Entrementes chegára D. Miguel ao reino. Intrigado com aquelle Principe, foi mandado remover para Trancoso e Mangualde, onde permaneceu alguns annos.

Em 1834 regressou á capital e foi logo nomeado Vigario Capitular de Béja, e em 1835 collado em um canonicato da sé de Lisboa.

Agraciado com a commenda de Christo e com a Carta de conselho em 1843, em 1844 foi elevado a Thesoureiro-mór da sé de Lisboa.

Foi então Deputado, primeiro, pelo Alemtejo, depois, por Lisboa.

Em 20 de Setembro de 1845 eleito Arcebispo de Evora foi confirmado em 14 de Novembro e sagrado no primeiro de Fevereiro de 1846 na egreja de Belem, tendo já tomado posse da Mitra em 31 de Janeiro do referido anno.

Foi Annes de Carvalho quem fundou o actual seminario de Evora no convento do Carmo, e que o fez remover em 1853 para o Collegio de Rilhafolles, onde se conserva.

Na qualidade de Par do Reino se achava em Lisboa quando, em 1846, fechadas as côrtes, regressou a Evora, onde chegou em 11 de Junho á noute.

Homem de vontade sua, energica e inflexivel, D. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho falleceu em Evora em 3 de Dezembro de 1859.

Agitada mas brilhante foi a sua vida publica, tanto no Brasil como no Continente. As faltas que podesse ter na particular Deus lh'as terá perdoado já por sua infinita bondade.

Inimigo do fausto depois da morte, jaz no cemiterio publico de Evora, com este singelo epitaphio por baixo de suas armas:

F. A. D'E.
3-12-59.

Foi seu Provisor e Juiz de casamentos, antes de confirmado Bispo de Bragança, D. João d'Aguiar.

Deixou impressos — *Discursos moraes, para instrucção dos filhos da santa Egreja metropolitana de Evora*. Lisboa, 1847, e muitos sermões manuscriptos, ainda hoje estimados dos oradores sagrados de Evora[2].

NOTAS

[1] Estes estudos theologicos não foram Formatura, mas frequencia de curso que provavelmente havia no Collegio de Santa Rita. Na Universidade se não matriculou elle, como se nos affirma da Secretaria, respectiva. Não tinha, pois, grau nenhum pela Universidade.

[2] Eis um specimen de sua linguagem:

«Fazemos saber que tendo Nós obrigação e necessidade de hirmos á corte de Lx.ª em serviço do Estado, e Nacional, e q̃ devendo passar, e demorarmo-Nos na Villa de Montemor o Novo, Tencionamos na mesma Villa conferir Ordens a alguns ordinandos, q̃ estejão munidos de Breve extra temporæ, e por consequencia de Administrarmos o S.to Sacramento da confirmação a todos aquelles dos Nossos subditos e filhos q̃ ainda não estejão confirmados. E por q.to seja no Domingo 3o de Dezembro q̃ tencionamos exercer este nosso dever Pastoral cumprenos dar as previas instrucções q̃ julgamos necessarias p.ª cada hum dos Adultos se habilitar p.ª a recepção de hum Sacramento q̃ he a coroa do Baptismo.

Primeiram.te todos os Adultos devem Confessar-se p.ª receberem da nossa mão o S.to Sacram.to da Eucharistia dentro da Missa Pontifical q̃ Celebraremos.

2.º hirem munidos de Padrinho ou Madrinha comtanto q̃ o não sejão os Pais dos Filhos e as Mães dos Filhos.

Ultimamente, q̃. cheguem todos a receber este S to Sacram.to com as disposições necessarias a colherem os fructos de benção q̃ muito desejamos colhão todos aquelles dos Nossos Filhos q̃. habitao huma terra p.ª Nos de tão grata memoria.»

20.º D. JOSÉ ANTONIO DA MATTA E SILVA

De 1860 a 1869

É Castello Branco a patria d'este Prelado. Ali nasceu em 23 de Junho de 1800, como filho de Agostinho Antonio da Matta e Silva.

Formou-se em Canones na Universidade de Coimbra, em 15 de Junho de 1824.

Uma Provisão de D. Fr. Patricio da Silva, de 13 de Janeiro de 1825 o nomeou Conego prebendado da sé de Evora, sendo 'nella collado em Lisboa em 6 de Março do mesmo anno, pelo Prelado que o nomeára.

Do bispo Provisor, D. Antonio Mauricio Ribeiro, recebeu elle em Evora as ordens de subdiacono e de prespytero, cantando a primeira missa na sé, em 29 de Junho de 1825.

Por Provisão de 1 de Fevereiro de 1826 foi elevado a Thesoureiro-mór da mesma sé, em que se collou no dia 3, tomando posse a quatro do réferido mez.

Por carta Apostolica do Arcebispo de Barita, de

5 de Janeiro de 1846 foi nomeado Vigario Apostolico do Bispado da Guarda.

Em 29 de Março de 1848 foi elevado a Deão da sé de Evora, tomando posse a 23 de Junho.

A pedido seu, escusaram-no de Vigario Apostolico da Guarda, em 17 de Março de 1852.

Depois de ser Deputado pela terra de sua naturalidade, foi eleito Bispo de Beja, por Decreto de 1 de Fereiro de 1859, tomando posse por procuração, em 21 de Agosto.

Sagrado em Lisboa, em 16 de Outubro do mesmo anno, pelos Bispos resignatarios de Angola, D. Sebastião da Annunciação Gomes e Lemos e D. Joaquim Moreira Reis, entrou em Beja em 25 de Novembro.

Por Decreto de 19 de Abril de 1860 foi eleito Arcebispo de Evora, e confirmado no Consistorio de 13 de Julho do referido anno, tomando posse da Mitra por procuração, em 29 de Agosto. No dia 30 fez uma brilhante entrada em Evora.

Em 2 de Setembro o Bispo de Bragança, D. João de Aguiar, lhe deu o Palio na capella do paço, fazendo a sua entrada na cathedral no dia 4.

Morreu em 5 de Setembro de 1869, e jaz sepultado no cemiterio da cidade, com este epitaphio:

AQUI JAZ
D. JOSÉ ANTONIO DA MATTA E SILVA,
ARCEB.ᵖ METROP.ᵖ D'EVORA.
FOI CONEGO, THESOUR.ᵖ MOR,
E DEÃO DA MESMA SÉ
POR ESPAÇO DE 34 A.ˢ
FOI VIG.º APOST.º
DO BISP.º DA GUARDA
6 A.ˢ E MEIO,

E BISPO DE BEJA
POUCO MAIS DE UM ANNO.
FALL. EM 5=9=69.
PEDE AS ORAÇÕES DOS FIEIS.

Foi seu Juiz dos Casamentos:

José Abilio de Oliveira, Deão da sé, e Governador do Arcebispado por sua morte.

Manuel Joaquim Barradas, Thesoureiro-mór da sé, tambem governou o Arcebispado, interinamente, na séde vacante, que terminou em 1871.

NOTAS

[3] «Ó quão differentes são os desenhos de Deos, das politicas, e systemas do mundo! A homens profundos, habeis, e distinctos pelos seus raros talentos, é que os reis da terra ordinariamente confiam os negocios importantes, os segredos do Estado e os cargos eminentes. O homem tem necessidade do homem: Deus não tem necessidade d'alguem: escolhe os fracos, para confundir os fortes (ad corinth. c. 1 v. 27): escolhe o homem sem nome, sem credito, sem erudição, sem talento; e bem como amoroso Pai, que se abaixa para dar a mão ao tenro filhinho, que não pode ainda sustentar-se nas mal seguras plantas; assim Elle descendo do Throno de Sua Magestade, virá sustentar Nossa fraqueza, e conduzir-nos, como pela mão, ao alto monte, e eminente logar da sua Igreja. Senhor, que profundos e incomprehensiveis são os vossos Juizos, e investigaveis os vossos caminhos! ad Rom. c. 11 v. 33). *Saudação Pastoral,* Lisboa, Typ. de G. M. Martins, pag. 3.»

Tal era o seu estylo.

21.º D. JOSÉ ANTONIO PEREIRA BILHANO

De 1871 a 1890

Difficil e melindroso é sempre o escrever de vivos[1]. A censura é acrimonioso despeito, o louvor objecta subserviencia! Assim é que o mundo, assim é que os homens apreciam, por via de regra, a verdade, ou a mentira muitas vezes, dita do cidadão presente. Mas, deverão os preconceitos dos homens tolher-me o livre arbitrio? Impor inacção á minha penna? Não. A despeito d'isso vou fallar do Prelado venerando, a quem muito respeito, dês que pela primeira vez ouvi a um talento, que abrilhantou o magisterio theologico na Universidade, fallar do Venerando ancião, que hoje cinge a mitra de D. Frei Manuel do Cenaculo.

Na villa de Ilhavo, no districto d'Aveiro, nasceu em 22 de Março de 1801 o Senhor D. José Antonio Pereira Bilhano, de paes sem haveres, mas honestos, que haviam nome João Antonio Bilhano e Rosa Maria de Jesus.

Orphão de pae em tenra edade, o Senhor D. José Antonio Pereira Bilhano ficou privado não só do melhor amigo, mas de recursos para seguir a vida ecclesiastica, seu desejo e vocação.

Apresentado, 'naquellas circumstancias, ao respeitavel Bispo de Aveiro, D. Manuel Pacheco de Resende, este sob sua protecção o tomou e amparou, como a arvore frondente abriga ao rasteiro arbusto, que, mais tarde, viçando verdura e flores, abrigará a outras plantas.

Quem diria ao caridoso Prelado Aveirense que a mitra do Cardeal rei cingiria um dia a fronte do joven proteccionado? Contrapondo-se á sombra da mancinella, que mata, a do venerando Prelado de Aveiro creou, frutificou e sasonou. Da sua eschola de virtude quem poderia sair sem ella?

Pela bôcca da provada verdade repetem os homens: — Quem a boa arvore se chega boa sombra o cobre.

Em 1823, havidos d'aquelle virtuoso Prelado os precisos meios, o Senhor D. José fez em Coimbra a sua formatura em Canones, obtendo informações distinctas por seu *talento, applicação e exemplar comportamento.*

Regressando a Aveiro, 'naquelle anno, foi Sua Excellencia Reverendissima nomeado Professor das Cadeiras de Historia Sagrada, e Ecclesiastica, e de Direito Canonico, regendo tambem, mais tarde, a de Theologia Moral.

D. Manuel Pacheco de Resende o nomeou Promotor do Juizo Ecclesiastico, e, successivamente, Juiz dos Casamentos, Vigario Geral e Provisor. Até ao fallecimento do caridoso Prelado, em 1837, se conservou o Senhor D. José Antonio Pereira Bilhano no exercicio dos dois ultimos cargos.

Não cedendo ás instancias e rogativas que por então lhe fizeram para continuar no governo do Bispado, recolhera-se á sua humilde casa de Ilhavo, desprovido de bens terrenos, depois de quatorze annos de vida publica, dedicando-se exclussivamente ao ensino particular da Historia, Latinidade, Logica, Rhetorica, Geographia, Francez e Inglez.

Gratuitamente receberam de Sua Excellencia a instrucção muitos mancebos, que de outra sorte a não alcançariam. De muitas terras do seu e de alheios districtos lhe trouxe a fama de suas virtudes e sciencia muitos discipulos que, tanto nas cadeias da Universidade, como nos logares da Magistratura Judicial e Administrativa hoje desempenham funcções importantes.

Interrompidas, em 1842, com a Santa Sé as relações do nosso governo, Sua Santidade o investiu de todos os poderes e jurisdicção ordinaria no Bispado de Aveiro, com faculdade de os delegar em clerigos de sua escolha; e, por tal modo se houve Sua Excellencia na melindrosa conjunctura, que mereceu do Summo Pontifice bem cabidos louvores e distinctas provas de apreço, que directamente lhe foram communicadas em documentos muito honrosos, sem se malquistar tambem com os nossos poderes publicos.

Despachado Parocho da Oliveirinha em 1849, foi provido em 1851, por concurso, na parochial de sua patria.

Sobejas provas deu Sua Excellencia de sua honradez, independencia de caracter e amor patrio na Legislatura de 1853 a 1857.

No anno de 1860, de novo instado, acceitou o Senhor D. José o governo do Bispado d'Aveiro, que conservou até 17 de Março de 1868, em que fôra exonerado, sem desaire de seu caracter integerrimo.

Assignalados foram os serviços de Sua Excellencia n'esse periodo.

Em 1869 foi eleito pelo Governo de Sua Magestade Arcebispo da Metropole tanstagana, e 'nella confirmado por Sua Santidade Pio IX em 6 de Março de 1871.

No primeiro dia de Maio d'este ultimo anno, tomou posse por procuração de Sua Excellencia o fallecido Deão da sé de Evora, José Abilio de Oliveira.

Sagrado em Lisboa no dia 4 de Junho de 1871 entrou em Evora no dia 7, e na sua Cathedral no dia 8 do referido mez e anno.

As reformas por Sua Excellencia Reverendissima emprehendidas e realisadas tanto na cahotica administração de alguns ramos de serviço, como na reforma da parte meridional do paço e nas repartições ecclesiasticas que mandou fazer no rez do chão do mesmo; o seu trato affavel e humano para com todos sem excepções; e, sobre tudo, a sua mais que muita caridade já assignalam brilhantemente o seu governo e tornarão perduravel o seu nome na serie dos venerandos Prelados Eborenses.

Tres vezes até 1874 saiu S. Ex.ª a uso de banhos, sendo seus Governadores, primeiramente em Junta, os Srs. Dr. José Mauricio de Carvalho, natural de Rio Maior, B.el Manuel Joaquim Barradas, natural d'Elvas e B.el Abel Martins Ferreira, natural de Coimbra, Conegos da sé; depoïs, nos annos seguintes, o primeiro e ultimo d'aquelles senhores: em 1872 Abel Martins Ferreira e depois d'elle o Dr. José Mauricio de Carvalho, e em 1873 este senhor sómente.

Falleceu o santo Arcebispo em Ilhavo, sua patria, em 18 de Setembro de 1890 com 89 annos, 5 mezes e 18 dias, e jaz temporariamente no jazigo da

familia *Rocha Fradinho* Bem merece elle um monumentosinho simples, com elle foi na vida. Quem lh'o elevará?

NOTAS

[1] Vivia ao tempo em que se fez a 1.ª edição.

[2] Quando Sua Excellencia Reverendissima ensinára humanidades na sua casa de Ilhavo escrevera compendios de Rhetorica, Historia e de outras disciplinas, pela falta que d'elles havia 'naquelle tempo; mas, summamente modesto nunca os deu á estampa conservando-se ineditos. Os srs. Cardoso e Doria escreveram os seus depois. Por amostra de seu estylo eis um trecho de sua primeira Pastoral aos Eborenses:

«Damos graças a Deus Nosso Senhor, e alegramo-nos em Jesus Christo Nosso Salvador, por sabermos, que sois firmes na fé, que uns e outros professamos, e *caminhaes pela verdade do Evangelho.* (Ad Rom. 1. v. 12.) esperando aquelles bens ineffaveis, que Elle nos promette na Sua Gloria depois de terminada a peregrinação d'esta vida. (Ad Tit. 2-13). Conservae sempre puro e intacto o deposito das verdades, que elle nos revelou, intacta a Religião dos nossos paes, a qual pela sua antiguidade, uniformidade, duração e permanencia tem todos os caracteres de Divina, que mostram que Deus é o seu Auctor, que ella ha de subsistir sempre a mesma até á consumação dos seculos, e cuja crença é a mais sabia, prudente e a mais racionavel e digna do homem; e que a despeito dos seus inimigos, e de tantos e tão rudes combates tem sempre incorrupta, atravessado os seculos, passando de geração em geração, e aprezentando-se sempre victoriosa dos Cezares, dos philosophos, dos tyramnos, do mundo, do inferno e das paixões; invariavel em seus dogmas, nos seus mysterios, nas suas maximas, formando dos que tem a felicidade de a professarem, posto que differentes em costumes, interesses, patria, ideas e nação um só corpo mistico, de que Jesus Christo é a Cabeça, com um só espirito, um só Senhor, um só Mediador, uma mesma Fé, um só Baptismo, um só Evangelho, e um só Deus, que é pae de todos = unum corpus et unus spiritus, unus Dominus, una Fides, unum Baptisma, unus Deus et pater omnium. (Ad Eph. 4. v. 4, 5, 6; Ad Thimot. 2. v. 5).»

Da saudação Pastoral (pag. 1.ª).

22.º O SENHOR
D. AUGUSTO EDUARDO NUNES

1890 a

Como se fôra uma feliz predestinação, na cidade e bispado de Portalegre, cuja cathedra fôra nobilitada por D. Frei Amador Arraes, nascera em 31 de março de 1849 um menino, bem fadado para o imitar, quando homem, não só nas virtudes, como nas letras; esse, é hoje o Senhor Dom Augusto Eduardo Nunes.

Foram seus paes o cidadão José Maria Nunes e a Excellentissima Senhora Dona Helena Rosa Nunes, de modestos haveres; mas de santidade e de paz domesticas.

Orpham de pae aos seis annos de vida, cobrio a creança com egide protectora um sacerdote de santa vida, o reverendo Presbytero João Raphael Nunes, seu tio auxiliado de uma caridosa dama, Dona Marianna Candida Pereira da Silva.

No Collegio de Campolide estudou o senhor Dom

Augusto, Instrucção primaria, e no da Conceição o primeiro anno do curso dos Lyceus.

Andando setembro de 1862, entrou o estudantinho no seminario Patriarchal de Santarem, onde completou o estudo de preparatorios e o curso superior em cinco annos, terminando em 1871, sempre com apporvações, louvores, distincções e a qualificação de *muito bom*.

Ordenado de Sub-diacono e Diacono em setembro e Dezembro de 1871, em 25 de maio de 1872 o foi de Presbytero, cantando a primeira missa no dia seguinte, na egreja dos Inglesinhos, em Lisboa, sendo assistentes seu tio e o conego Carlos Joaquim Martinho Calderon, seu amigo e tambem protector, e prégando no acto o seu condiscipulo, padre Duarte do Rosario.

Antes de deixar Santarem, no seu Seminario foi elle Secretario, e Thesoureiro, e Professor de Liturgia, cargos de que se exonarára para ir continuar em Coimbra estudos mais superiores.

'Naquella cidade estudára Physica e Chimica e Introducção á Historia natural, disciplinas em que foi approvado com distincção, matriculando-se, seguidamente, na Faculdade de Theologia, que cursou até 1879, sempre laureado, alcançando no fim da formatura a classificação de *muito bom* com 18 valores.

'Naquelle anno de 1879 lhe confiára o senhor Bispo de Coimbra a direcção espiritual de seu Seminario.

Tendo defendido theses em 18 e 19 de janeiro de 1880, fez seu acto de Licenceado em 22 do mesmo mez, e em 19 de Dezembro do dito anno tomou o gráo de Doutor, sendo seu padrinho o senhor Doutor Bernardo Augusto de Madureira.

Diversas cadeiras professou no Seminario de Coimbra, desde 15 de Dezembro do referido anno de 1880, até ser assumpto ao episcopado.

Despachado Lente substituto em de junho de 1881 logo em 20 de setembro o era Cathedratico.

Provedor da Misericordia de Coimbra de 1883 a 1884, ali prestou assignalados serviços.

Aos 21 de outubro de 1884 foi o Senhor Dom Augusto escolhido para Coadjutor e futuro Successor do Arcebispo de Evora, e preconisado Arcebispo titular de Perga no Consistorio secreto de 31 de novembro, do mesmo anno.

Sagrado em 4 de janeiro de 1885 por mão do Cardeal Vanutelli na egreja das Salesias, em Belem, com assistencia dos senhores Arcebispo Bispo do Algarve e Bispo de Bethesaida, fez sua entrada em Evora em 17 do mesmo mez, assumindo o governo da archidiocese no dia seguinte, até que aos 18 de setembro de 1890 succedeu a seu antecessor, o senhor D. José Antonio Pereira Bilhano.

Socio do Instituto de Coimbra desde 1876, o senhor Dom Augusto Eduardo Nunes tem escripto muito, tanto prosa como verso, e prégado sempre. Correm impressos muitos escriptos seus.

Desde que entrára em Evora nunca jamais deixára de cumprir seus deveres pareneticos; nunca deixára passar uma Quaresma sem que sua voz echoasse attrahente pelas naves da Cathedral Eborense, sempre concorrida dos mais illustrados apreciadores de seu talento, de sua eloquencia arrebatadora.

Como se vê de tão rapido e não interrompido vôo pelos habitados páramos dos conhecimentos humanos, o actual Prelado da Metropole Eborense possue envergadura larga e robusta de intelligencia não vulgar.

Não é logar este para se escrever sua biographia, que alguem lhe fará no futuro; mas para deixar a esse que o fizer alguns topicos para ella, bem cabidos 'neste logar, como proprio d'elle é o dizer estas verdades:

No pulpito tão notabilissimo e perfeito no dizer as cousas como outro não ouvi, tão classico como Frei João de Ceita, e arguto como o Professor Motta Veiga, e melifluo como o senhor Bispo de Bethesaida, Ayres de Gouvêa; tão caridoso como seu antecessor, o santo filho de Ilhavo, Pereira Bilhano, o Senhor Dom Augusto Eduardo Nunes, tem de viver na memoria dos homens, aureolado de um iris da virtude da caridade e de outras que o ennaltecem.

E' cedo para mais escrever: que larga vida haja, sem soffrimentos physicos, o venerando Antistete, como lhe deseja quem já vê a sua em sol ponente, prestes a se attufar no profundo abysmo da eternidade.

BISPOS COADJUTORES

D. Affonso Cavalleiro.....	Bispo Sardense
D. Fr. Amador Arraes	» de Adrumeto
D. Antonio Joaquim Torrão...	» » Lengonia
D. Antonio José de Oliveira...	» » Eucarpia
D. Antonio Mauricio Ribeiro ..	» » Bugia (ultimo)
D. Augusto Eduardo Nunes...	Arcebispo de Perga
D. Fr. Bernardino de S.º Antonio	Bispo de Targa
D. Fr. Christovam da Fonseca.	» » Nicomedia
D. D.º da Annunciação Justiniano	» da Serra etc.
D. Fr. Domingos Barata.....	» de Missenia
D. Filippe da Rocha	» » Madauro
D. Fr. Gabriel da Annunciação.	» » Fez
D. Fr. Gaspar dos Reis	» » Tripoli
D. Fr. Gaspar Soares.....	» » Targa
D. Jacintho Carlos da Silveira..	» » Maranhão
D. Fr. Jeronymo de S. José...	» » Tipassa
D. Fr. Jeronymo Pereira.....	» » Salé
D. Fr. João Soares.....	» » Madauro
D. José de Jesus Maria.....	» » Patara
D. Fr. Manuel dos Anjos.....	» » Fez
D. Nuno.....	» » Salé
D. Theotonio de Bragança.....	» » Fez
D. Vicente da Gama Leal.....	» » Hetalonia

FIM.

MINERVA COMMERCIAL
DE
FERREIRA, IRMÃO & C.ª
Impressores da Casa Real

69, Rua do Paço, 75
EVORA